D
16
758

TERRA NATAL

OBRAS DO MESMO AUTOR:

Publicadas:

ESCOMBROS (contos)
TERRA GAÚCHA (scenas da vida rio-grandense)

A sahir:

FRONTEIRA (romance gaúcho)
RINCÃO (contos)

ROQUE CALLAGE

TERRA NATAL

(ASPECTOS E IMPRESSÕES DO RIO GRANDE DO SUL)

1920

EDITORES: BARCELLOS, BERTASO & C.
LIVRARIA DO GLOBO
PORTO ALEGRE, SANTA MARIA, CRUZ ALTA e URUGUAYANA

B738

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS
Data
Tombo

A

J. F. de Assis Brasil
Andrade Neves Neto
Gregorio Porto da Fonseca

Magnificas affirmações do pensamento rio-grandense

Homenagem do
Autor

Rio, novembro de 1919.

A generosa sympathia com que, certa vez, o publico acolheu uma série de pequenos contos gaúchos, enfeixados despretenciosamente em volume, levou o autor a não desanimar no seu ideal de arte, e, afagado por uma illusão, embóra ephemera, começou a traçar o plano de outros livros, de outros ensaios, de delimitados horizontes estheticos, todos, porém, de pura exaltação á gleba querida.

Houve nisso, é certo, um pouco de egoismo proprio, qual o de intermediar as horas de uma luta material até hoje seguida entre constantes preoccupações e duras necessidades, por alguns momentos de recolhimento mental em que o espirito, librando-se nas azas de Ariél, paira um pouco acima das formidaveis contingencias da vida.

"Terra Natal", que ora surge, é constituido de aspectos e impressões ligeiras de homens e cousas do Rio G. do Sul. Assim como não ha nas suas paginas o encanto de uma novidade, o brilho de um estylo novo, tambem não se lê nellas o dogmatismo de opiniões impertinentes.

Por muito feliz se dará o autor se este trabalho servir de estimulo aos que, possuindo talento, valor e coragem, possam exaltar com mais brilho, dizer com mais firmeza, exprimir com mais amôr, toda a vida impressionante que palpita no glorioso seio affectivo do pampa.

Estas linhas são, ao mesmo tempo, um velho agradecimento que, com a apparição de Terra Gaúcha, *o autor ficou devendo ao publico e á critica.*

Rio de Janeiro — 1919.

INDIO VERSUS CABOCLO

INDIO VERSUS CABOCLO

Não possuimos ainda na nossa funcção social o substractum de raça purificada. Tem sido, a respeito, a nossa evolução, pezada e lenta. Representamos, na vida sul-americana, o povo menos emancipado na mestiçagem e na cruza. A mescla de sangue, infundiu no typo nacional uma amalgama complicada. O caboclo é por emquanto a nossa unica figura representativa, por excellencia, e como tal é tambem a unica mancha que afeia a belleza incomparavel do sertão.

Vejamos a singularidade estranha de seu perfil e teremos o esboço de um derrotado. De gesto móle, corpo alquebrado no verdor dos annos, elle é um symbolo doloroso do cansaço, da propria lei do menor esforço. Um vencido antes da luta! Contrasta vergonhosamente com o empolgante scenario que o cerca. A grandiosidade da natureza clama por energia e actividade, por expressões con-

scientes de força que transformem suas selvas bravias em fonte perpetua de riqueza. Pois bem: para enfrental-a nesse formidavel attrito lá surge, embiocado, espreitando, a mesma figura sorna do caboclo, genuino representante dos destinos nacionaes... Em um seculo de independencia politica não houve nelle a menor alteração; o seu todo não soffreu a mais leve influencia benefica. Eil-o, estirado na rêde ou agachado, de cócoras, no oitão do seu esburacado rancho de sapé, de braços geometricamente cruzados, esperando... Reproduz, finalmente, com a mulher e os filhos, aquelle expressivo dialogo nortista que o marcará como um estygma eterno:

— João, queres mingáo?
— Quero.
— Então vae buscar o prato...
— Então não quero!...

Eis o caboclo. E' o mesmo indolente das chronicas da Colonia, o mesmo molengo desconfiado do *Sertão,* de Euclydes da Cunha, o mesmo Géca, dos *Urupês* de Monteiro Lobato, o mesmissimo opilado ainda, de feições de cretino, que a missão scientifica Rockfeller encontrou, numa proporção de 60 %, na vasta extensão territorial do paiz.

Péza, desgraçadamente, sobre nós, uma confusão de mesclas inferiores, consequencia das origens afflictivas da colonisação, iniciada sob um regimen de violencia inquisitorial pela farandula de degradados e pela escoria de cri-

minosos de toda laia, constituindo assim verdadeiras anormalidades, segundo hoje as modernas leis anthropologicas.

Foi dessa mistura morbida que sahiu esse producto, parasitario, o caboclo. Seu esboço verdadeiro, lá está imperecivel, nas paginas do *conteur* paulista, vivendo na sua modorra de velho madraço das "queimadas" do sertão, mal desenrolando a lingua em aspirações que a preguiça nata não permitte que elle realize.

No frouxo dilatar da visão, elle não distingue si a Patria é grande ou pequena. Isso pouco lhe importa. Sabe apenas que ella existe porque a infallibilidade eleitoral do "sô coroné" o affirmára. Quanto ao futuro, positiva-o radioso pelo selamim de feijão nascendo selvagem nas duas braças do roçado.

O mais, é esperar ...

Ao inverso porém, do caboclo do norte surge, aos ventos do pampa, um gaúcho atrevido que é o "chirú" dos rincões.

"Chirú" no sul, é o proprio caboclo dozado entre o branco suspeito e o charrúa verdadeiro. Entretanto, tem outro "tombo" na andadura e outra linha nas arremettidas physicas.

Como explicar tamanha desigualdade em typos com a mesma percentagem de sangue inferior, em productos da mesma mescla? Condições climatericas? Não. O phenomeno é outro; outra é a causa. No norte, o cipoal da selva amarrou ainda mais o passo solerte do caboclo. Além disso, o esconso da floresta e a producção silvestre do

habitat, offerecendo-lhe, sem esforço, os meios rudimentares de subsistencia, acoitaram p'ras profundas d'alma atrophiada, os pruridos de uma vaga energia que si não fôra a desproporção do meio ambiente aniquilante podia eleval-o ao trabalho intenso, acompanhando o progresso, lutando, vencendo, evoluindo. O homem que labuta em terra ruim, corrigindo, á força de sacrificios, a esterilidade hostil do *habitat,* será forçosamente um typo de energia mascula, um victorioso por certo, capaz de doar aos seus um vigor magnifico de acção. Mas, aquelle que já encontra na fertilidade do solo tudo o que lhe possa garantir as funcções da vida, sem dispendio de maiores esforços, tambem será por natureza um indolente. O instincto da inacção que lhe dá a fartura selvagem da terra que o ampára, creará o morbus que d'ahi por diante elle transmittirá ás gerações futuras.

Mas o habitante da campanha, o "indio", o "chirú", com que elle proprio arrogantemente se acoima, é na apparencia o mesmo caboclo do norte na côr bronzeada do physico. No fundo, porém, a differença entre ambos é latente. Aquelle vive em si mesmo, indeciso, de olhar apagado, meio morto, sem acção. Este, ao contrario, abrange horizontes mais amplos; não vacilla, não teme, não titubeia. Em todas as suas attitudes é destro, é agil, é decisivo. A planura, a guerra, o cavallo ensinaram-lhe a andar, a agir, a correr. Dir-se-ia mesmo que entre elle e o "pingo" se firmou uma alliança de marcha precipitada,

para frente. Essas caracteristicas incisivas, a surgir em relêvos de legenda, elevaram até bem pouco o homem, na mythologia americana, á altura dos Centauros.

Lá no norte, o caboclo não se modificou, talvez mesmo em consequencia da falta de correntes immigratorias; aqui, o "indio" surgiu outro, recebendo da terra trabalhada pelo braço estrangeiro uma nascente gloriosa de estimulos, uma effusão de vida nova; porque hoje elle não é mais um heróe sentimental de aventuras, um Cid nomade a bater estrada, sem destino. Desapparecida a immensidade dos latifundios, ha em cada retalho do sólo, o espectaculo de uma nova energia triumphante; é o homem colono, o homem criador, substituindo aos poucos, o entonado caudilhesco das escaramuças d'antanho. O piraguara sertanista dos roçados, falla de cócoras, timido, indeciso, num resfolegar de raça desfibrada; o "guasca" campeiro, responde de pé, ligeiro e petulante. Não perde tempo em "conversas fiadas". E' um preoccupado constante pela multiplicidade dos affazeres, prezo aos interesses de seus pequenos negocios, alimentando a esperança de um bem estar imperturbavel, longe, por consequencia, das convulsões e das guerrilhas de que o pago foi constantemente perigoso scenario. E' a gleba emfim, que se modifica, preparando ao homem um destino melhor.

Eis, em synthese, o formidavel contraste entre dois representantes da nacionalidade que se fórma.

CAUDILHISMO

CAUDILHISMO

O livro "Anarchia Argentina e Caudilhismo", do Dr. Lucas Ayarragaray, é como documentação e analyse um trabalho de raro valor.

O thema que nelle se desenvolve tem, em parte, ligação directa com o Rio Grande, num cyclo de continuas luctas e transformações continuas. Seu auctor, com penna de mestre, firme e segura, esboça as origens nacionaes da prospera Republica visinha, apontando as causas e effeitos da anarchia argentina num periodo de evolução demorada, demorada não só nella, mas em todos os paizes do continente sul-americano onde o principio da revolta, sob a influencia de agentes phisicos e moraes, delineou o plano de uma pugna oscillando entre o heroismo e o banditismo.

O Dr. Ayarragaray evidenciando vasto conhecimento da intrincada mecanica social attingiu a um resultado altamente patriotico, restabelecendo a verdade e aclarando pontos obscuros de historia — "mais americana do que

restrictamente argentina" — na incisiva expressão do professor Sá Vianna. E de facto, a largueza desse gesto veio de um modo significativo illustrar a theze, pois "contribuir para dissipar erros e exagerações, fructos da subversão moral e do simplismo anarchico das idades heroicas, é moralisar a opinião publica e quiçá offerecer ao renascimento dos espiritos a força que lhes fallece."

Estudado detidamente o problema, transparece a série interminavel de vicios que se incorporaram nos costumes e nas tendencias de dirigentes e dirigidos. Justifica-se assim o grande mal que fatalmente seria levado a retardar a civilisação em paizes onde as mais violentas fórmas de governo foram postas em jogo, escudadas no principio de H. Spencer em "La Science Sociale": "A má conducta dos que estão no poder é correlata da má conducta daquelles sobre os quaes é exercido o poder." E' a velha sentença de Montesquieu impondo-se implacavel e terrivel: "os povos têm os governos que merecem."

Essa situação permaneceu, demoradamente, na Argentina, á sombra de todas as tyrannias. D'ahi o caracter pessoal e arbitrario da sua politica, sob a pressão formidavel do conjunto geral de idéas que floresceram na America ainda de aborigenes, nos fins do seculo anterior á independencia dos primeiros povos que se emanciparam do jugo colonial.

Foi de um regimen de terror, especie de escravocracia territorial que nasceram e destenderam fundas raizes

os principios axiomaticos da violencia. Do anarchismo geral das correntes legislativas, das formulas politicas tendentes ao exagero do absolutismo nasceu esse producto hybrido — o caudilho — unico porém que o estado de cousas podia acceitar como solução ao momento anarchico que invadiu durante meio seculo a hoje florescente republica do Prata. Mesmo assim foi a Argentina (e porque não dizer que ainda o é?) o paiz que mais tem procurado se desligar dos velhos habitos caudilhescos, dos velhos moldes de theocracia despótica, que della fizeram no tumultuoso periodo de sua formação historica uma patria de dictadura e absolutismo que não encontra simile na sociedade medieval do occidente, nem mesmo nos surtos da fórma republicana de Platão sonhando a hegemonia theocratica do mundo grego.

Nesse ponto, o trabalho que tenho em mão, do notavel diplomata americano, é admiravel. Demonstra as mesmas causas, os mesmos erros que presidiram aos nossos destinos, num periodo latente de cimentação social. De facto, entre a Argentina e o Brasil — o sul do Brasil, o Rio Grande, principalmente — ha pontos de contacto, caminhos semelhantes que levaram o homem politico a um só objectivo. São as mesmas modalidades, identicas as influencias ethnicas que assistiram como o descerrar-se de um novo mundo, á affirmação nacional dos dois povos. As mesmas conquistas, os mesmos interesses de patria esbarraram-se na temeridade das fronteiras, fonte perenne

de lutas e de odios, marco inicial de conflictos e guerrilhas interminaveis. E' frizante exemplo, no caso, o assentamento instavel da ephemera Colonia do Sacramento e o ideal de supremacia politica esbatido no Vice-Reinado do Prata, ambos perigosissimos pomos de discordia entre as duas ambiciosas corôas de além-mar.

Foi na vasta campina gaúcha, attrahido por um sonho liberal que tocou ás raias do absolutismo, do relaxamento da propria liberdade, que surgiu a impavida figura revolucionaria do caudilho, mixto de sympathia e de terror, aflorando na coxilha, no dorso do cavallo inseparavel, ampliando no escampado a visão confuza da patria. Cahiam então as fronteiras dos tres paizes limitrophes, no dominio anarchico das idéas. O reflexo das agitações revolucionarias em um, era o bastante para atear o fragor da convulsão nos demais.

Eis porque, em linhas geraes, entendemos semelhante á nossa historia e á nossa politica, a politica e a historia do visinho paiz sul-americano.

Dos estados da nossa confederação, o Rio Grande, por um phenomeno geographico, foi quem mais fielmente copiou a perigosa situação caudilhesca de além-Uruguay. Não foram causas apparentes que assim surgiram em pleno scenario pampeano, mas leis sociaes definidas e melhor acceitas pelo espirito de rebeldia quasi nomade, incapaz de medir as consequencias dispersivas de seus actos.

Alguns sociologos romancearam paginas soberbas sobre certa época reinante de "gaúchocracia". Mal en-

tendida, apreciada com pouca verdade atravez desse neologismo antipathico, não nos enquadramos nella. Caudilhismo anarchico, sim, foi o que convulsionou a Argentina, que agitou o Uruguay e que se reflectiu directamente no Rio Grande. Possuimos em verdade, origens identicas no entrelaçamento do mundo politico americano. Não nos são estranhos esses mesmos phenomenos apontados pelo autor da *Anarchia Argentina e Caudilhismo*. Lá e cá, elles se manifestaram em condições correlatas, ao contacto brutal de uma natureza de ordinario em consorcio com o habitante, commumente traçando-lhe o destino sinuoso quer no mundo pessoal, quer no mundo collectivo. Se por um lado impugnámos esses gestos que a sociologia colloca na mais baixa escala moral, por outro lado, até certo ponto acceitámos, justificando ao mesmo tempo todos os actos dos dirigentes de collectividades. Paizes novos, ainda não attingidos por um florescimento completo de crenças e principios, partindo da metropole para a colonia, do senhor para o escravo, sem uma base pratica do regimen, da fórma de governo posta em execução, fatalmente as consequencias seriam todas como foram, de ordem anarchica.

Esta pagina porém não tem laivos de critica sisúda. E' uma chronica ligeira de jornal onde se procura transmittir a impressão deixada por um assumpto de livro que é, em seu fundo, um desdobramento da nossa existencia passada, com fortes reflexos ainda na hora presente. Com

talento e com coragem seu autor investiga e esplana cousas que nos dizem respeito de perto. Negar essa intenção do livro seria desconhecer a nossa propria historia.

"Anarchia Argentina e Caudilhismo", é sobretudo, um espelho onde claramente se reflecte aquillo que não temos o direito de esconder.

LITTERATURA REGIONAL

LITTERATURA REGIONAL

Creio ser menos ephemero do que se julga o destino da litteratura regional. E' mesmo crença incontestavel para alguns de que seja ella, principalmente em paizes novos, de um largo porvir triumphante.

Renégo opiniões em contrario (e não são poucas!) e abraço o optimismo de raros, porque entendo *regionalismo* como expressão latente de força em movimento applicada ao senso esthetico e definindo todos os surtos do meio onde essa mesma força opéra.

E' verdade que o seu horizonte não é amplo. Mas a sua documentação, o seu fundo caracteristico, os seus processos technicos, são suggestivo capitulo ás pesquizas historicas todas. O ambiente americano tem dado ás lettras essa pagina surprehendente de belleza nativa, trescalante de aroma agreste, onde resaltam observações reaes sobre costumes, aspectos e paizagens, do homem, do meio e da natureza. Negar a sua actuação directa no dominio do

mundo real seria desconhecer a existencia das patrias que se engrandeceram pela penna dos seus escriptores e pela lyra de seus poetas que aprofundaram e cantaram suas origens.

O effeito localisado da arte, restringindo a sua repercussão, perpetúa entretanto, ou pelo menos prolonga, a acção objectiva da sua vitalidade. Substitue assim, o idealismo dos themas, o proprio objecto, embóra "visto através de um temperamento" como accentuou Zola.

Em regionalismo puro não ha duvida quanto ao jogo de motivos, muito menos falsas creações psychologicas, isso porque as côres do scenario e a vestimenta interna e externa do homem são de accôrdo com o homem e o scenario. Fóra do rigor dessas regras, normas fixas consolidadas sob a influencia das tradições locaes, a novella, o conto ou romance, decalcados sobre assumptos subjectivos, não vingarão o seu ideal esthetico: — são concepções mortas de arte, com vida apenas, na belleza da fórma e na harmonia com que são vestidas determinadas hypotheses arbitrarias.

Na litteratura de ficção a fórma será sempre mais apollinea; ha de facto mais liberdade para remigios, para alçados vôos inattingiveis, campo mais vasto para fugir á monotonia das descripções, com poucas variantes, de um mesmo quadro sempre. Em litteratura local, porém, a acção é mais duradoura. Certo depende do artista que a movimenta, porque elle tem que ser como o photographo

que procura assestar a objectiva de tal modo que a chapa possa apanhar todos os effeitos desejados sem alterar a verdade do alvo.

Demais, é da expansão litteraria regionalistica deste ou daquelle povo que a unidade da raça, mostrando os factores ethnicos, cimenta a unidade da nação. O proprio Anatole France, o excelso artista da graça alada, o pagão bizarro de um subtil idealismo amargo, estudando a obra de Gabriel Nicaire, localisada em determinados pontos da França, não pôde deixar de concordar com a intenção mais que patriotica de seus fins, visando um destino mais amplo de nacionalidade: — "C'est ainsi que la France si diverse dans son indivisible unité, doit être celebrée pour ses montagnes et ses vallées, pour ses bois et ses rivages et ses fleurs."

O nacionalismo de José de Alencar attingiu esse fim. Attingiram-no, Euclydes da Cunha, nas scenas apocalypticas dos sertões do Norte; Alberto Rangel, na descripção da verde Amazonia prodigiosa; Alcides Maya, na impressionante vida pampeana do Sul.

Varios Estados brasileiros, localisando sentimentos estheticos sobre o homem e a natureza, ampliaram um vasto horizonte litterario, reproduzindo a vida anonyma da nacionalidade em determinados pontos do territorio.

Por seu turno, o Rio Grande já possue bons livros cujos assumptos, motivos e thezes, foram apanhados aos seus costumes, ás suas tradições, ás suas legendas heroicas

que ainda vivem afagadas, com o mesmo calor, na mudez dos escampos ou na tranquilla vida patriarchal das estancias. D'entre os que procuram com amor e religioso carinho, esse vasto campo de observações, reproduzindo com fidelidade as aventuras cavalheirescas do passado e as transformações grandiosas do presente destaca-se, logo, o estylista das "Ruinas Vivas". Coube a elle a gloriosa tarefa de abrir caminho definitivo, entre nós, ao romance regional. Os poucos trabalhos que até então haviam apparecido, collectaneas de lendas e poesias populares, mais de *folk-lore* do que impressões pessoaes emotivas, não lograram outro fim senão o de chamar, pouco a pouco, a attenção d'alguns estudiosos para o vasto cabedal ignorado capaz de formar as bazes de uma nova escola de arte. Destacam-se, nesse ponto, como benemeritos precursores da futura litteratura gaúcha, Apollinario Porto Alegre, Cezimbra Jacques e Simões Lopes Netto. Elles souberam com amor e civismo arrancar da penumbra do olvido todo o magnifico acervo caracteristico da tradicção popular, fonte inexgottavel das fórmas impalpaveis da belleza.

Dois livros de Alcides Maya, marcaram o inicio da era nova em que logo depois appareceram, com talento e originalidade, João Fontoura, Ezequiel Ubatuba e Vieira Pires. Seguiram todos as pégadas daquelle que se fez mestre na coragem com que soube enfrentar o indifferentismo do meio, e na emotividade com que crystalisou em arte a natureza e a sociedade de um recanto nacional.

Incontestavelmente "Tapéra" e "Ruinas Vivas" traçam o inicio de uma arte á parte, caracteristica. São livros de um vigor moço, cheios de sinceridade cujos themas, sem episodios dramaticos de largo folego, são nossos, são da nossa vida, são do nosso "pago". Reçumam a grandeza meio barbara de uma raça ainda tumultuaria na sua emancipação social, desaffrontando-se de quando em quando de seus desvios historicos, em lances de bravura, em attitudes de rebellião, em arremettidas dramaticas, mas subjugada sempre pelo rythmo perfeito de um perfeito coração humano. Ao par de estudos bem esplanados, em amplos quadros de um forte poder não só descriptivo como psychologico, Alcides possue a opulencia do vocabulario em alliança com certa elasticidade original de estylo que lembra algumas vezes um entrecho perfeitamente a molde de Machado de Assis, e, em outras, uma pagina estremecedora dessa dantesca tragedia sertaneja descripta por Euclydes da Cunha na mais admiravel prosa da lingua portugueza no Brasil.

Ubatuba e Vieira Pires, preoccupados com outros ideaes de vida, absorvidos em cogitações de outra ordem, retardam a promessa de seus livros, anciosamente esperados. Ao contrario d'ambos, felizmente, João Fontoura, com o seu intransigente "criolismo" puro, inaccessivel ás suggestões perniciosas do Rio, onde ha mais de um decennio vive, deu-nos uma obra magnifica, *"Nas Coxilhas"* e já entregou ao prélo uma outra, *Chirú*. Todas as scenas da

nossa campanha se reflectem com frescor e belleza na attrahente serenidade de seus trabalhos, verdadeiros flagrantes documentados de toda a vida pampeana do sul.

Em materia de litteratura "criola", o Uruguay tem sobre nós um avanço de muitos lustros. Independente do conto, do romance e mesmo de poesias de themas ruraes, possue ainda a Republica visinha um vasto e interessante theatro de assumptos apanhados exclusivamente nos costumes e nas tradições do povo, desde suas origens mais remotas até os habitos, crenças e superstições que perduram em sua vida campezina. Toda a obra de Javier de Viana é uma photographia admiravel desse conjunto de causas e de cousas que formam a magnificencia da patria. Mas Javier de Viana, que é rutilo e minucioso na parte dramatica de seus trabalhos, aliás numerosos, não tem a finura attica de Alcides Maya, não possue como este a pompa estylistica, a immediata percepção psychologica dos typos, a fixidez empolgante dos quadros, pelo poder suggestivo do colorido, pela combinação maravilhosa das tintas. *Extrangeira, Xarqueada* e *Velho Guasca,* em "Tapéra" e o perfil de Chico Santos em "Ruinas Vivas", são paginas de raro fulgor, que ficarão impereciveis ao tempo. Pierre Loti não n'as traçou superiores; não n'as ha mesmo em toda a vasta litteratura hispano-americana do Prata. Sente-se nellas uma ancia nova transformando em força, em movimento, a immobilidade da planura destendida onde o vulto

do gaúcho que nos parecia morto, empolga e domina, amando o imprevisto das aventuras, vivendo a sua época, perpétuando, emfim, o genio da raça.

Essa é, creio, a qualidade essencial, o grande valor do artista, valor que Alcides Maya vem demonstrando desde os tempos da agitação litteraria de Porto Alegre quando publicou "Pelo Futuro", "Rio Grande Independente", as paginas de critica enfeixadas no volume "Através da Imprensa", até o apparecimento desse extranho livro sobre Machado de Assis, que é, sem duvida, o melhor trabalho até agora divulgado sobre a subtil personalidade do creador de *Quincas Borba.*

Possuidor das condições essenciaes de escriptor, dotado de um espirito erudito, pesquisador de todas as minucias do meio, o seu largo descortino sensitivo attingiu de prompto o seu ideal esthetico, e a sua primeira tentativa sobre regionalismo, que se nos depara com o apparecimento de "Ruinas Vivas", logrou o imprevisto de um successo completo.

O que alguns criticos condemnaram nelle, é talvez, uma das suas melhores qualidades: emprestar a todos os assumptos a roupagem aristocratica do seu estylo.

Esse poder faz com que as *manchas* e scenarios que seriam certamente monotonos, hesitantes, numa descripção vulgar, sem brilho, sem perspectiva, sem horizontes largos, surjam de sua penna banhados de côres fortes no cambiante das matinas ou nos poentes das coxilhas dobradas.

E não ha nisso, (digámos com lealdade) demasias injustificaveis do exagero. E' a propria visão do artista que sem desmentir a realidade ascende ás raias da magia, recebendo da vastidão immensa do plaino aquillo que elle devia ser, e que ás vezes o é, e que o artista igualmente nos transmitte em pinceladas admiraveis.

Esse é o escriptor que em assumptos apanhados na nossa limitada existencia rural realizou um sonho de pura arte classica.

Até agora, aqui, estudos e tentativas dessa natureza têm sido recebidos com certo desdem *snob* por parte dos cultores da arte de ficção. Pouco importa, porém, a irreverencia do gesto. Tempo virá em que a nossa litteratura regional, com todo esse conjuncto de effeitos, desde as paizagens que nos enlevam, aos costumes que ainda perpetuamos no pedaço do rincão natal, reaffirme, para o futuro, as singelezas impereciveis da nossa tradição.

ARAUJO PORTO ALEGRE

ARAUJO PORTO ALEGRE

Segundo ouço, o Rio Grande do Sul, vae, pela primeira vez, prestar honra official a um dos seus poetas.

Em uma das praças da formosa capital gaúcha, Araujo Porto Alegre terá, ainda no decorrer deste anno tão tragico em guerra, o seu busto perpetuado em bronze, sob a caricia de arvores que elle tanto amou e cantou.

Posto de lado, por complicado, esse lamentavel caso de "maquettes" apresentadas a concurso, convem aqui algumas linhas sobre a significação dessa homenagem. Surgindo a idéa de uma simples palestra entre artistas e patriotas, ella tomou logo as proporções de um culto, de um dever civico para com aquelle que tanto honrou a terra onde nasceu. Demais, era justo, tambem, que o Rio Grande de tivesse ao lado das estatuas dos seus heroes, a fronte serena, em bronze, de um dos seus artistas. Porque, até agora, os grandes vultos que lá se erguem sob a luz do sol, são aquelles e não estes — guerreiros, estadistas e politicos, que em feitos e obras procuraram tornar familiar, cá fóra, o pampa tumultuario. Jámais espirito d'eleito havia

logrado a sagração em um busto na praça publica, que fallasse no relevo da legenda ás gerações da mesma terra, de uma alma que sentiu ou de uma lyra que vibrou.

Trez figuras inconfundiveis — Apollinario, Felix da Cunha e Lobo da Costa — influencias até certo ponto decisivas nas lettras riograndenses, não tiveram até hoje o preito popular das estatuas. Se seus nomes ainda perduram como memoria saudosa é pelas obras que produziram, pelas paginas que nos legaram, mas sem uma herma que assignale na sua dignidade, através do tempo, o culto e o reconhecimento publicos á justa benemerencia de seus nomes.

Para que repetir? São valores como estes que explicam de prompto a razão de ser de um povo. Na melodia de seus carmes, na expansão maravilhosa da lingua, ou ainda na acção social que exerceram, intercambiando idéas e pensamentos, o Rio Grande avançou um seculo.

Por esse lado Araujo Porto Alegre se impõe na sua complexa organisação esthetica á admiração nacional

Embora sob a pressão dos maus tratos de uma critica implacavel, se não injusta, a ferroal-o na sua vida mais intima, elle avulta, até nós, com esse raro fulgor de intelligencia, mostrando-se na grandeza e na multiplicidade de suas concepções, o homem de talento tal qual o era, dominado pela delicada sensibilidade de uma alma creadora, profundamente emotiva, victima mais da inveja do que da propria indifferença do meio. Um lutador antes de tudo. Não teve mesmo como o seu amigo, o poeta da *Urania*

e dos *Suspiros,* os bafejos laudatorios da camarilha que enfeitava a côrte do Segundo Imperio. Diante da mesquinha perseguição que sempre soffreu, mais vivos se tornam os relevos de suas brilhantes faculdades creadoras. Um dos seus chronistas, que apenas conheço citado por Bazilio Magalhães, deu do artista, d'aquillo que elle foi, d'aquillo que elle amargurou na vida, um retrato fiél e commovedor: "Tomou parte activa em todas as instituições scientificas ou artisticas fundadas no Imperio desde 1830; ajudou e favoreceu muitos talentos em flôr; contribuiu para o desenvolvimento de outros; reconheceu o merito de todos e não teve inveja de ninguem; no entanto, só colheu ingratidões e teve, como artista, de combater a frieza do indifferentismo, a insidia das intrigas e o odio das perseguições que o não pouparam."

O autor das "Brazilianas", sem ser um genio como Leornardo da Vinci teve, tambem, como este, o cerebro preso por varias tendencias, por varios desdobramentos da Arte. Poeta, dramaturgo, critico, architecto e pintor, deixou em tudo os traços indeleveis de sua fecundidade alliada a uma poderosa capacidade de creação. A sua epocha marcou o inicio de um renascimento litterario nacional, seguindo-lhe os passos uma geração victoriosa que, sob a influencia do mestre, destendeu novos moldes, rumos novos, ao romantismo brasileiro até então apegado ao esplendor do seu representante maximo, Gonçalves de Magalhães. E' que a obra de Araujo Porto Alegre foi o ponto de transição litteraria do seu tempo, principio de

reacção aos velhos idolos — risco inicial de uma nova escola. Clovis Bevilaqua, no livro "Epochas e Individualidades", nol-o traça num periodo feliz: "E' preciso ver no autor de *Colombo* um dos mais benemeritos preparadores da nossa autonomia mental."

Essa qualidade basta para uma rehabilitação historica. Se os seus moldes não triumpharam das creações dos espiritos que surgiam derruindo fórmas antiquadas aos novos horizontes estheticos, condensou, todavia, na violencia crúa da luz tropical, tudo o que de bello havia surgido nos processos romanticos da França, de Lamartine, embora a arte poetica fosse a que menos lhe preoccupasse o espirito, consoante sua propria declaração em prefacio do volume das "Brazilianas", datado de Dresden e publicado em 1863.

Não tinha sobre ella como não tinha sobre as outras, a illusão do triumpho. Talvez mesmo, essa incerteza de attingir o ideal entrevisto, o levasse em peregrinação tenaz e constante, por vezes tumultuosa, atravéz de outras manifestações artisticas, todas, porém, familiares á sua intelligencia. Dahi a brusca passagem da poesia para a pintura, da architectura para as producções theatraes, sempre na incerteza do pouso e da posse. Um quasi desconfiado, senão um timido. Retrahido por indole, arredio aos fastigios das vibrações populares, jamais esboçou o que para outros seria "o plano de uma cruzada definitiva."

A arte de Araujo Porto Alegre foi exemplo frisante de ligação ao principio formulado por Taine: producto exclusivo da raça, do meio, do momento.

São innumeros os trabalhos poeticos do illustre pintor da "Coroação de D. Pedro II"; mas certamente o que mais avulta entre todos é o poema "Colombo", onde o seu éstro, unido a uma linguagem escorreita se derrama em quarenta cantos descrevendo a descoberta e os feitos do sonhador da aurea côrte de Castella. Falhou é verdade, (e a critica não o poupou por isso) o grande destino que traçára para o seu poema épico. A epopéa americana appareceu quatro seculos depois do Descobrimento. O audaz navegador do Novo Mundo nella surge contrafeito, jungido a um mysticismo quasi doloroso, sem a energia mascula do crente, do convencido. Para realizar o seu grande sonho, recorre ao favor, ao apoio, á propria esmola de varias côrtes, procurando a todo transe levar a cabo a empreza que demandaria os mares em busca de terras desconhecidas, mas de que a certeza de existencia dominava-lhe a ferver, numa realidade geographica, o pensamento escaldo.

A critica exacerbou-se; era talvez, uma imitação... Mas que importa ahi o acoimarem de continuador do épico genial do Gama, affirmando ao mesmo tempo serem suas personagens figuras vagas, indecisas, sem unidade scenica? A belleza da fórma, a pompa do estylo, o valor da homenagem prestada a outro desflorador dos mares de

aquem Iberia, mostrando ainda no mesmo trabalho, uma rara cultura e um novo poder descriptivo, (descripção fiel á grandeza impressionante da paizagem americana) resalvam-no de um castigo que não merecia.

Mas, em compensação, nas *Brazilianas*, o poeta se ergue com mais firmeza, com maior intensidade dramatica. Em conjuncto, essa obra é a confirmação da theoria espendida pelo autor da *Historia da Litteratura Ingleza*.

São da terra em que vive, da época que o agita, do meio que o deslumbra, fazendo-o homem e artista, as impressões que a sua lyra nos transmitte na singeleza de seus accordes. Reproduz com firmeza que admira, todas as expansões do mundo externo. Esse livro será por muito tempo uma fonte inspiradora de força, de luta, de belleza; as suas estrophes ainda resoam pela imponencia das nossas selvas, pela vastidão traiçoeira dos nossos mares, glorificando a mesma terra, o mesmo sol, o mesmo céo — o mesmo homem. Quem o lê tem a impressão immediata da inconfundivel magestade dos nossos scenarios, aspectos unicos dessa sem igual floração tropical que leva o artista após um extase de sonho a uma realidade quasi fantastica. Tudo em torno o deslumbra. A movimentação scenica formada de bahias, de céos, de rios e de florestas, assume grandiosas proporções, difficil sem duvida de ser descripta por outro que não possua o mesmo poder de sua visão esthetica.

Com qualidades assim, de altissimo valor, o artista

se definiu, em seu meio, como o expoente maximo, havendo mesmo influido poderosamente, para que outros espiritos hesitantes, dessem de si esplendidas manifestações.

Eis, na indecisão destas linhas mediocres o modesto perfil do laborioso artista gaúcho cuja lembrança se procura agora desviar do olvido, para integral-a na serena magestade de um monumento.

No "Canto Genethlico" com que Araujo Porto Alegre abre o volume das *Brazilianas*, a visão do Rio Grande heroico, dos heroicos arremessos revolucionarios do passado apparece impolgante, e,

> "...tirando do flanco magestoso
> A espada valorosa que encobria
> Chega profunda, ao Brazileiro dice:
> Eil-a a teus pés; eu juro só brandil-a
> Contra aquelles que a Patria ameaçarem."

Cumpriu a gloriosa terra do pampa a jura sagrada. Saiba ella agora amar e perpetuar no marmore de seu tributo sentido, a memoria do seu cantor inspirado.

NOTA — Este artigo foi publicado na imprensa do Rio, em 1917.

DOIS ARTISTAS

DOIS ARTISTAS

Gregorio da Fonseca entrou, subito, no templo da Arte, numa explosão de triumpho.

Emulo, no exemplo, propriamente, a litteratura nacional só teve um: Euclydes da Cunha, o apollinio e singular devassador do mysterio sertanejo do Norte.

De Gregorio, ninguem, jámais, esperava arremettida tão brusca e victoria tão prompta.

Innumeras razões justificam essa immediata surpreza.

Era um desconhecido. Nenhum nome tradicional de familia a orgulhar arroubos e surtos litterarios. Convivia, apenas, espiritualmente, num resumido grupo de amigos, construindo de vez, em palestras intimas, paginas heroicas de arte, commentando aqui, ali, de finas bordaduras de observação, o classicismo attico de estatuas, os retabulos dos grandes mestres, o periodo aureo da Hellade de Pericles, a Grecia pagã, berço divino da belleza immortal. Um puro de sentimento, sem ser percebido do publico, a reviver Leonardo da Vinci num extase de sonho...

Completo ignorado!

Sabiam-no perspicaz e intelligente, seguro de seus deveres de militar, galhardo e sereno na compostura mundana, cumpridor á risca das commissões de caserna, aflorando nas representações officiaes de alamares ao peito largo, e, voltando depois, á tranquilidade de seu gabinete de estudos consciente de ter passado mais um dia de actividade burocratica... Em torno, a graça innocente dos filhos sorrindo agradecidos á bondade infinita do pae.

Artista, jámais.

Subito, a eclosão. Surgia, em fórma, já sem aquelle porte marcial que se lhe notava, a figura embevecida de um iniciado, substituindo o calculo das distancias e os vagos perfis das fortalezas de guerra, pelo sonho ideal de uma arte quasi hellenica. Em sua companhia, sem a menor revolta, sem a queixa mais leve, a doce philosophia religiosa de Renan misturada á graça perfeita dos Goncourts.

A obra de Gregorio da Fonseca será ainda pequena se tiver que satisfazer ás exigencias e preferencias de um publico para quem o escriptor só avulta na ordem directa dos volumes publicados e na quantidade massiça das paginas...

Ella é constituida por duas conferencias, varios poemas de feitura parnasiana, e algumas laudas sobre arte, espalhadas na vida ephemera dos jornaes. Entretanto, na escassez dessa bagagem se occulta um grande volume de idéas, estados d'alma que reflectem purezas de senti-

mento, fortes commoções de um espirito protegido por uma cultura mais que necessaria para fazer de um artista um apostolo.

A belleza do mundo grego é a sua preoccupação constante, a sua exaltação de fé convicta, ora na analyse subtil dos esplendores olympicos de um periodo de fartura espiritual, ora na reconstrucção piedosa dos marmores em pedaços que elle, religiosamente, junta através da vida extincta das estatuas para integralisal-os novamente, ao renascimento dos sonhos e das legendas. São velhos mythos que se levantam na suprema apotheóse das fórmas e da vida. Uma vez reerguidos esses deuses, tornam-se figuras intangiveis. São expressões estheticas perfeitas que assomam no seu culto feiticista. Prefere-os assim, envolvidos na sua fantasia de arte, a ter que os desmantelar ao pezo barbaro do camartello da sciencia sempre arida.

O gesto é glorioso; é delicada a missão. A um resumido numero de almas é dada essa attitude magnifica. Gregorio da Fonseca comprehendeu-a, affirmando: "A arte é uma profissão de eleitos: só depois de uma selecção natural, em que os fracos e os mediocres se annullam, prevalecem no tempo em reduzido numero, os predestinados, unicos que attingem á honra suprema de artistas. Ser artista; produzir uma obra prima, crear com o bello existente o bello que não existe; fixar para sempre um aspecto novo que se não repetirá; avançar do seu tempo, do seu

seculo, abrindo largas estradas ao pensamento futuro, para os gregos era divino, é heroico na expressão de Carlyle."

O evocador do ciume dos deuses e da gigantesca figura napoleonica traçou, inconscientemente, na fórma lapidar e no fundo critico desses periodos, o molde do seu proprio perfil de artista. E' que nelle o mesmo culto inalteravel, dia a dia renovado, e a mesma preoccupação da fórma perfeita estremecem num mundo onde a belleza se multiplica em bellezas.

Todas as suas paginas, mesmo aquellas de menor cuidado, estão cheias de uma vibração sonora de sentimentos estheticos. O seu ideal, lá bem longe, fóra do mundo, fóra do mesquinho contacto, onde a vida se mostra e se impõe numa suave eurythmia de gestos e de symbolos. Toda a fórma brutal das figuras que por ventura evóca se transfórma de prompto em legendas sem maculas, em sagrados estimulos de amor e de sonho.

"As minhas supremas aspirações estheticas attingiram ao limite: amando a arte, servindo-a com fé convicta, que se approxima á idolatria, sem jamais a profanar, fazendo-a."

Assim a entende esse bello espirito de helleno batido pelo sopro dos *minuanos* do sul, pela rajada purificadora dos pampeiros. Escrupulo justificado — escrupulo de Eleito.

Porque não resaltar essas qualidades maximas do artista? Elle as demonstra no proprio objectivismo no mun-

do, não com esse falso objectivismo oriundo do egoismo material que nada exprime porque nada realiza, mas no culto e na reconstrucção dos mythos esquecidos, incorporando-os ao grande sonho.

Esthetica das batalhas e *Ciume dos Deuses,* de sobejo mostram as pequenas subtilezas do seu temperamento pagão — pagão pela alegria da vida, pela belleza que se divinisa cada vez mais, elevando-se.

O seu poder de evocação, fazendo reviver por sobre a immobilidade dos marmores abandonados a mesma chamma que Renan fez reviver por sobre o mysterio da Acropole, tornam-no inconfundivel em nosso meio litterario, onde as qualidades de descrever e imaginar são inferiores ás funcções de autopsia e de analyse nas psychologias arrastadas á taboa anatomica da litteratura.

Outro, porém, é o seu ideal. A sua aspiração suprema, o seu sentimento maximo é ver realizado o milagre grego; a arte resurrecta pelo super-idealismo das fórmas plasticas; a curva harmoniosa de Venus transfigurada pela chamma da concepção perfeita; a lyra de Homero na encarnação de todos os genios, acordando o mundo pela reminiscencia das epopéas e das conquistas; e por sobre tudo isso, a volta do acantho e dos loureiros verdes, coroando a gloria dos deuses e dos poetas, sobrepujando com essa unica missão de belleza, a espada barbara da Roma dictatorial dos Cezares vencidos.

Um espirito assim, de uma forte cultura artistica,

idolatra das fórmas perfeitas entre as eternas imperfeições das cousas, tendo em mira a mesma ancia exaltada do creador da *Ceia*, isto é, amar a arte, "servindo-a com fé convicta", perpetuando em paginas vibrantes as vibrantes commoções do espirito, há-de forçosamente, orgulhar os iniciados do mesmo Mysterio...

"Bosque Sagrado" de Leal de Souza, outro artista do "pago", estava destinado a provocar uma forte reacção.

Explica-se o motivo. Com esse trabalho, o poeta fugiu aos processos descabidos de imitações mais ou menos fraudulentas de tudo quanto os grandes mestres publicam, fazendo obra sua, pessoal, de meditação, de pensamento puro.

Poesia, na sua expressão mais classica, comprehendeu o autor do " Bosque Sagrado ", não como conjunto de palavras medidas, syllaba por syllaba, com entrelaços de rimas bem ajustadas, em variações excentricas de melodias, a esconder, quasi sempre, symbolos desordenados; mas como de facto ella devêra ser: arte que procura immediata alliança com o mais vivo sentimento e simplicidade para tornar-se emoção, belleza, harmonia, reflexo directo de um estado d'alma latente.

Para os *novos* e complicados que superabundam em copias a modelos extranhos, assaltando producções alheias, em decalques á escola de Baudelaire, Malarmé, Verlaine, Heredia e mais outros, indo mesmo até aos diabolicos

imitadores actuaes d'aquelles que na França não vão além da gloriola postiça dos "boulevards", — "Bosque Sagrado" não será tido em valia de conta justa e merecida. Falta-lhe aquelle symbolismo roxo que é sem duvida o resumo de quasi todos os ideaes de uma escola que ninguem entende... Para esses, pouco valor terá o livro de Leal de Souza. Mas, para aquelles que procuram na poesia, uma expressão de delicadeza e de sinceridade emotiva, ou um traço pessoal do temperamento do seu autor, o livro, ora dado a publico, será sempre lido com viva sympathia.

Os seus versos são trabalhados a capricho, numa ancia de perfeição que tende para a mais absoluta simplicidade, mantendo assim aquelle principio de arte, o mais humano principio esthetico, que vem a ser fórma e pensamento revestidos e jogados depois á luz, por uma graça simples e tocante.

Jámais aspirações nebulosas, symbolos sem nexo, torturas apocalypticas, resumo em que se alteia toda a extravagante originalidade dos que disfarçam com incongruencias de imagens a falta de sentimento.

No néo-parnazianismo de Leal de Souza, (se assim devemos classificar sua escola), espelha-se o rythmo sonoro das grandes vibrações espirituaes. Ha em tudo sonhos que se alam, fórmas subtis que se libram em espiras e fantasias.

E canta em tudo a alma victoriosa das cousas.

"Bosque Sagrado" é um livro forte. Nelle palpita tambem o genio revél da nossa nacionalidade. Sente-se perfeitamente que o poeta não é sómente o cantor da natureza que o cerca; é-o ainda do sangue americano que lhe corre, purificado, nas veias. Por vezes anceia e luta no artista o velho instincto do conquistador e do aborigene. Em "Canção Gaúcha" elle se reflecte fiélmente:

"Filho do Estado hespanhol
Da America Portugueza,
Amo a luz e o amplo arreból,
Consagro culto á belleza
E canto préces ao sol.

O indio e o alvo conquistador
Luctam em mim, e, atrevido,
Eu tenho, no odio e no amor,
A tristeza do vencido
E a altivez do vencedor".

Em o soneto "Gaúcho", temol-o ainda no seu doce "pessoalismo" artistico, a invocar o glorioso passado pampeano:

Na treva de meu somno, illuminando-a passa
Rubro, os pampas a orlar de salsa espuma equoria,
O ruidoso fulgor da vossa rude gloria,
— Deuses da minha tribu, avós da minha raça!

Tufões; o epico horror da lucta; a ignea fumaça
Das tabas e das náos ardendo; a audacia hectoria;
A avidez da conquista e a ambição da victoria,
Enchem, amplo, o arreból que o meu olhar devassa.

Sinto, em grave theoria, os guerreiros concussos
E, á voz do vencedor impondo o jugo a escravos,
Escuto imprecações, hosannas e soluços.

E nos céos vejo, á luz dos crepusculos flavos,
— Desboccados corceis sob as selvas de chuços,
Caravélas á flôr dos largos mares bravos.

Ha na feitura de "Bosque Sagrado", onde se enfileiram os moldes da poetica classica e moderna, a sobranceiria estremecedora de um guerreiro adestrado ao manejo victorioso de todas as armas. Em cada soneto, em cada balada, em cada decima, ou mesmo nos alexandrinos de seus *tercettos* impeccaveis, vive a personalidade originalissima e bizarra dos trovadores crioulos, procurando nas origens da raça, nos entrechóques da luta violenta, nas escaramuças e arremessos revolucionarios, ao sol do pampa, as consequencias da hora presente.

Profundamente suggestiva é, por exemplo, em "Corcél Morto", a evocação que faz o poeta da immensa vida liberta das coxilhas rendilhadas de lenda. Diante do cavallo inerte, ao sol de Botafogo, morto talvez, a vergalho, sob o pezado correame da carroça, o artista enscena uma longa e dolorosa tragedia, uma pagina profundamente humana, entremeada de recordações, de conjecturas piedosas, com os mais intensos lances dramaticos.

Eil-o a evocar:

.....

E a esta hora, talvez, deste sol aos ardores,
Galopam teus irmãos, e cruzam em tropilhas,
— Voluptuosos vallões emperlados de flôres,
Coruscantes arsaes, indolentes coxilhas.

E hão de livres morrer, livres, da propria terra
O cheiro, inda ao morrer nativo, respirando,
No delirio da morte, entre visões de guerra,
O estrepito brutal de um combate escutando.

Hão de livres morrer, livres, como nasceram,
Dando aos corvos da patria a centaurica estampa;
Livres como talvez, os seus avós morreram
Nos desertos da Arabia ou aos ventos do Pampa.

.....

Os teus avós, corcel, foram talvez, os fortes
Corceis que os meus avós outrora cavalgaram,
Quando, sob o pendão dos Farrapos, nas cohortes
De Trinta e Cinco, em pról de um sonho, pelejaram".

Para que proseguir? O poeta do "Bosque Sagrado" póde estar convencido de que no Brasil, de quantos livros de versos appareceram este anno, mais farto em lettras do que em colheitas agricolas, o seu, pela visão esthetica dos modelos e pela belleza impeccavel do rythmo, foi o mais fortemente sentido e o mais poeticamente cantado.

OURO IGNORADO

OURO IGNORADO

O sub-solo do Rio Grande é uma argamassa de ouro.

Cada tracto de terra envolve uma maravilha, occulta uma riqueza adormecida. No segredo dos seus recessos vive esquecida a fortuna immortal. E' a gleba feráz, por excellencia, dos thezouros fantasticos dos contos arabes.

Em litteratura, nos sonhos e nas ficções estheticas, asserções dessa natureza, attingiram, certo, ás raias de uma fantasia inqualificavel. Na propria ordem real, o phenomeno seria inadmissivel. Vede-o, porém, o Rio Grande, nas observações do geologo meticuloso. E' um assombro. A' mingua de outros recursos, o solo tem nas suas grandezas esconsas, as insinuações de uma abastança sem igual. Nesse ponto, foi elle pelo destino bem aquinhoado. Recebeu mercês extraordinarias e ainda hoje conserva-as intactas, mais por indifferentismo nosso do que por avareza sua ...

Até então, Minas com o immenso fabulario de seus thezouros de diamantes, esmeraldas e finas pedrarias ou-

tras, a crescer em devaneios lyricos na imaginação ardente dos garimpeiros, era no paiz, o encantamento do verdadeiro *El-Dorado*. E tão grandes foram as riquezas de suas jazidas subterraneas, que o dizimo de seus productos, independente de saciar as desmedidas ambições da Metropole encastoou de pedras preciosas as exigencias de todas as corôas. Um aceno de braço, um ligeiro escarvar de mão, na terra, bastava para o milagre; o *maná* de Moysés surgia transformado em ouro e pedras. A Minas então, foi imposta a faustosa contingencia de ser o celleiro aurifero das arcas da Côrte de além-mar. A realidade dos seus thezouros chegou a sahir do dominio das ambições commerciaes, invadiu os sonhos, as utopias, as lendas, fazèndo da linda terra de Gonzaga e de Marilia, fonte inesgotavel de fantasias orientaes.

Mas, para que divagar?

Fallemos, evocando Minas, do Rio Grande.

O homem aqui nada tem descoberto. E' a propria terra que mostra aquillo que já não póde esconder. Na immensidade da planicie, na bacia dos rios, no aspero socalco inculto, ou ás vezes mesmo retalhando coxilhas, o veio magico de toda a variedade de minerios, desafia a actividade economico-industrial deste momento tragicamente egoista.

Para nós, isso corresponde a um aceno insistente, supplice, monotono; é um convite de terra farta escaldando em intensa volupia, no desejo ardente de ser acarinhada, devassada, desvirginada.

Assim todo o Estado é um repositorio de riquezas anonymas. As suas condições topographicas e hydrographicas mostram-se em todas as variantes que a mineralogia assignala para os terrenos eleitos da fortuna do sub-solo.

As camadas mais recentes de alluviões, formadas em accumulações successivas de um e de outro lado da Coxilha Grande, abrem-se em arcas pejadas de riquezas naturaes, reunidas e incorporadas pelo tempo ao grande patrimonio inculto da terra. Minuciada que fosse uma pequena parte d'ella por modernas installações de pesquiza, resaltaria para o intercambio mundial superabundancia incalculavel de meios de renda capaz de dar ao paiz altiva posição de independencia economica absoluta.

Pondo de parte o valor do ouro em si, resta-nos o complexo valor utilitario do carvão, a funcção industrial dos calcareos, de outros minerios, de outros mananciaes, de outras jazidas maiores abandonadas á flôr do solo — ouro tudo, riquezas sobre riquezas amontoadas, desafiando a competencia e actividade do homem.

Só agora, com lentidão madraça de preguiçoso que desperta, só agora, nos abeiramos da fonte inesgotavel. Foi preciso que a Europa toda, delirando em sangue, fizesse sentir o effeito, ao longe, do retrahimento do seu mercado, em face da ameaça traiçoeira, pairando constante, nos mares, pelos bellicos processos da *kultur,* para que um surto de novas actividades, nos erguesse em centelhas eternas, caminho ao trabalho, em busca dos nossos proprios recursos.

E encontramol-os, superabundando, na propria terra clamando por companhias e syndicatos.

Tudo aqui é um palpitar latente de energias gloriosas e estimulantes, capazes de arrastar ao extase o americano pratico ou o europeu previdente. Que maravilhosa posição não nos estaria destinada se a exploração do solo constituisse daqui por diante o nosso maximo ideal economico?

Todo o nosso destino ahi jás. Está na terra o futuro da nacionalidade. Hesitar é um erro; ser indifferente é um crime.

Sem esquecer as legendas dos nossos heróes, a belleza imperecivel das nossas tradições, todo esse culto civico que anima a alma livre do pampa, o homem tem outro destino a cumprir por uma larga estrada promissora: seguir tambem os impulsos utilitarios do momento em que novas energias se depuram na crescente actividade dos povos, depois de um desvio tragico de esforços malbaratados.

Vacillantes ainda, ensaiamos os primeiros passos para a grande éra da nossa independencia economica.

O que nos resta fazer agora é tornar em ouro, resolver em ouro, multiplicar em ouro — todo esse immenso ouro ignorado do nosso solo.

ELEMENTO COLONISADOR

ELEMENTO COLONISADOR

Na colonisação repousa, hoje, a grande força economica do Estado.

Ampla na sua intensidade, os multiformes aspectos da sua cultura, garantem ao Rio Grande a independencia da sua riqueza. Fóra d'elle, não divisamos em todo o Brasil gleba que mais avançasse nos largos dominios da lavoura e que tão prompto se tornasse celleiro maravilhoso de tudo.

E' impressionante. Digámos mesmo que como centro de um labor pertinaz, sem medir imprevistos futuros, a zona colonial dá-nos o surprehendente espectaculo de uma colméa em actividade incessante. Diz bem ao caso, essa velha e maltratada figura de rhetorica. De facto, ha ali uma eclosão benefica de vida, um surto de vontade que se impõe, de aspiração que se realiza, de desejo que se manifesta, de trabalho que se desdobra, de ancia que não se contem, de exaltação gloriosa e forte de esplendidas energias musculares. No fundo, o mesmo horizonte immuta-

vel das plantações, terras amplamente rasgadas, com seáras viçosas, lourejando ao sol, na promessa de farta colheita compensadora. Por toda parte, em todos os nucleos, estimulos sagrados de uma grande vida que parece dispersa pelas entranhas revolvidas do solo, dão ao braço forte do colono as compensações do triumpho, as honras de uma completa victoria agraria. Póde-se mesmo affirmar que as duas maiores correntes emigratorias, encaminhadas para as terras novas e virgens da America, realizaram aqui, com admiravel rapidez, os seus ideaes de trabalho e bem estar. Retalhado que foi o solo nutriz, divididos e demarcados os lotes, a luta inicial do colono foi intensa mas proveitosa. Mais depressa do que o esperado, o tempo realizou o milagre da chrysalida — a metamorphose foi rapida. O que era selvageria de selva, immensa brutalidade de planicies desertas, mudou-se lógo, de um dia para outro, em lavouras, em eitos, em caminhos, em estradas, em casas, em florescentes povoados, hoje villas e cidades que fazem a admiração do forasteiro observador.

Os productos incalculaveis arrancados das prodigalidades do terreno sobejaram ás necessidades dos mercados visinhos. Houve necessidade de exportação. Esta se iniciou lenta, augmentando gradativamente até que se tornou uma expressão eloquente de força, de extraordinaria actividade. Só ella garantiria a nós uma tranquilla éra de ouro, se não fosse a falta de meios de transportes que subitamente estarreceu todo o labor industrial. Porque, hoje, diante de tamanha grandeza, nos desnorteia a visão de um espectaculo tragico, o pavor de um entreacto eschyliano: é a riqueza indigente, paradoxal, a propria fartura do braço agricola, representada na enorme variedade dos seus productos, morrendo á mingua, á margem accidentada

dos caminhos, á espera de quem possa conduzil-a aos mercados consumidores, clamando emfim, desesperadamente, por transportes!...

Assim, por toda parte, a dolorosa impressão de uma actividade sem recompensa, a gravidade de um mesmo problema, dominando, absorvendo, retrahindo a energia do homem, dando-lhe a consciencia da inutilidade do esforço.

Passada que seja esta hora amarga, de novo teremos na vida intima das colonias a saudavel alegria rural que faz a graça e o encanto de todas as habitações nos bréves intervallos da luta insana contra a terra.

Para attingirmos o altissimo gráo de progresso agricola que incontestavelmente conquistámos vieram, em nosso auxilio, dois typos fortes de colonos: o allemão e o italiano.

O primeiro é sobrio, grave, circumspecto, pouco dado a expansões. Nas maneiras, nos habitos, nos costumes, crêa no seu lar um prolongamento da patria além Rheno. Aliás Alfredo Varella, em seu livro "Rio Grande do Sul", definira-o com precisão, affirmando que "o natural da Germania, entrado no anno de 1824, é o mesmo até hoje: teutonico inteiro, no pensar e no sentir, nas normas do trabalho e no physico immutavel.". Segrega-se de todo convivio extranho ás suas origens de raça; vive quasi que exclusivamente para os seus. No trabalho, porém, é um hercules invencivel. Multiplica as horas de afan pelo maximo do vigor que possue. Uma vez rico, feito homem de "meios", homem capitalista, não volta á patria, não sonha a retirada malagradecida: enraiza-se no solo que lhe deu abastança, e, na razão da fortuna, augmenta o conforto da familia.

O outro, o italiano, mais adaptavel á nossa vida e que mais intimamente convive com a nossa gente, é, como o allemão, grande collaborador da prosperidade gaúcha.

O auxilio de Garibaldi á memoravel campanha dos *Farrapos* preparou, inconscientemente, annos depois, na peninsula gloriosa do Adriatico, a primeira léva de emigrantes para o nosso solo. O phenomeno é bizarro e expressivo. Aquém dos mares, num aceno de farta promessa compensadora, o Rio Grande... Era o recanto buscado pelas grandes massas que a Italia despejou na America, nos ultimos dias do Imperio e lógo após a Republica. A historia guerreira, a epopéa quasi lendaria do heróe *condottiere*, a commovedora novella de seus amores com Annita, a coragem e a dedicação da companheira destemida, enfrentando os criticos momentos do perigo, tudo isso, todos esses accidentes de vida, quasi que meramente sentimentaes contribuiram, de um modo decisivo, para a nossa expansão agricola evidenciando-se, dest'arte, o collossal auxilio do braço italiano, unindo-se ao nosso não só pelos mesmos sentimentos de raça, pelo mesmo principio collectivo de trabalho, como ainda pelo mesmo ideal magnanimo de justiça.

Foi por esse prisma um tanto romanesco que o homem divisou, ao longe, a nossa terra. Instigado por elle aqui se installou ao lado desse outro ousado colonisador allemão.

Devemos a tão poderosos elementos a parte mais significativa da nossa prosperidade — a plena emancipação do mercado agricola. Do seu triumpho immediato nos ficou a proveitosa licção de quanto valem energias bem equilibradas. São exemplos de coragem mascula ensinando o trabalho, amando o trabalho, glorificando o trabalho.

E diante d'elles, abeirados na terra, vencendo muitas vezes com supremo esforço as hostilidades da natureza, tiramos respeitosamente o chapéo.

A NOVA

GERAÇÃO INTELLECTUAL

A NOVA GERAÇÃO INTELLECTUAL

Aos erroneos conceitos daquelles que dão superioridade mental ao norte, só porque o norte tem a influencia de um clima tropical intensamente quente, se impõe um formal desmentido publico.

De quando em quando, no enthusiasmo das palestras ou nas linhas mais ou menos subtis da critica, opiniões dessa natureza apparecem para demonstrar a nossa inferioridade.

Todavia, a questão climaterica é um caso morto, uma theoria absurdamente falsa, sem o menor apoio scientifico, suscitada ha annos, num dia, talvez, de máo humor, por Sylvio Romero, mas que cahiu ao primeiro embate de uma analyse honesta. Estava visto, pois que não podia ser por menos. A linha do Equador não é a reguladora da intelligencia humana. Esta se manifesta em toda parte, em todos os climas, onde a natural evolução do espirito tenha attingido um gráo relativamente elevado. Agora, atirar tamanha heresia sobre uma parte da Confederação,

só porque, geographicamente, essa parte está situada no extremo sul do paiz, é o mesmo que querer medir a intelligencia dos suppostos habitantes dos outros planetas pela ordem de distancia em que os mesmos se acham do sol...

Tal theoria (não sei se quadra bem o termo a semelhante tolice) não póde ser tomada a serio e nem mesmo pagaria o trabalho de ser contestada, se não fôra a impertinencia com que certas pessoas voltam a fallar no assumpto do qual resulta para nós o attestado decisivo de possuirmos apoucado valor intellectivo.

E' verdade que não somos protegidos pelos ardores incitantes da zona torrida, nem sobre nós de manso passa a volupia mordente das exaltações equatoriaes. Mas nem por isso, na escala sociologica, nos julgamos inferiores aos nossos irmãos nortistas. A lingua é a mesma; os mesmos são o sangue, os costumes, as leis e as instituições que nos regem. Ainda mais ao sul do Rio Grande estão o Uruguay e uma grande parte da Argentina. Será possivel que a média geral da intellectualidade desses dois paizes seja inferior á do norte brasileiro?

Demais, o "pago" gaúcho tem sido até hoje uma nascente abundante, sem intervallo de interrupção, das mais puras explosões de intelligencia, havendo mesmo, de permeio, vultos que chegaram a marcar época no pensamento nacional como Felix da Cunha na multiplicidade do seu saber, Silveira Martins na eloquencia tribunicia do parlamento, Araujo Porto Alegre, na poesia, na pintura e na architectura e Julio de Castilhos, na imprensa doutrinaria republicana. Vivo, ahi está Ramiz Galvão, polygrapho dos mais eminentes, um verdadeiro sabio, que tem merecido culto de todos os homens de valor. Se mais não avançámos, se mais não fizêmos, foi porque as graves

emergencias da politica externa no transcorrer agitado do primeiro e segundo reinados, obrigaram-nos a arcar com a defeza da Patria, garantindo a integridade de suas fronteiras constantemente ameaçadas. Houve ahi um largo desvio de ideaes de trabalho e de expansão economica, desvio que acabou por crear na alma gaúcha o instincto bellicoso das pelejas.

A prevalecer a influencia do clima na formação do espirito, não sei como se teriam que haver mentalidades superiores como Gogol, Tolstoi, Turgueneff e Dostoiewsky, filhos da fria Russia das *steppes*. Em que ordem de inferioridade não seria então collocado Henrik Ibsen, o peregrino genio escandinavo, nascido entre os eternos *fjords* da Noruega?... E outros, e outros, e outros. Para que citar nomes?

O Rio Grande, além disso, não é zona de clima frio; possue apenas, em contraste com o sol calcinante do norte, em contraste mesmo com a tragedia brutal de suas sêccas periodicas, as suavidades de uma temperatura regulada pelo sul da Europa.

Em paizes frigidos o cerebro que pensa está na mesma escala dos de paizes quentes. Poderá não haver o arrebatamento das concepções, mas haverá em compensação a linha commedida da analyse. O mesmo genio creador, a mesma centelha luminosa phosphoresce no homem do sul como no homem do norte, obedecendo igual ordem de phenomenos ao mesmo rythmo.

A Inglaterra, por seu turno, apenhascada no Mar do Norte, por singularidades "de um vomito oceanico" é a região do frio e da névoa. Entretanto, dos seus degelos tem sahido para o mundo uma legião incomparavel de homens de genio desde Shakespeare e Newton, até a geração

actual em que se encontram os mais brilhantes artistas, philosophos, politicos e pensadores modernos.

O pessimismo de opiniões tão falsas sobre o sul e sobre nós não póde vingar. Ainda pouco alguem tentou reforçal-a com a nota excessivamente pittoresca de que, numa população de dois milhões de almas que tem o Estado, um só riograndense — o Sr. Alcides Maya — logrou penetrar nos humbraes sagrados da Academia Brasileira de Lettras, ao passo que S. Paulo, (os palradores possuem a interessante habilidade de deslocar S. Paulo para o norte!) tem nada menos de cinco representantes na divina Companhia...

Felizes, meu Deus, os que ignoram!... Se os que assim se manifestam não fossem victimas de um tão grande desconhecimento da nossa vida, haviam de ficar sabendo que espiritos superiores do valor de Assis Brasil, Ramiz Galvão, Fontoura Xavier, Pinto da Rocha, Andrade Neves Neto, Alfredo Varella, Zeferino Brasil, Gregorio da Fonseca, Leal de Souza, Mario de Artagão, etc., honrariam de sobejo a Academia, e até certo ponto se envergonhariam de estar ao lado de massiças nullidades publicamente reconhecidas.

Depois, a Academia tem sido de uma sina fatidica a toda prova. Os seus volumosos annaes, as actas de suas sessões, não são mais do que convencionaes necrologios que ultrapassam as biblicas jeremiades do propheta debruçado sobre as ruinas da Cidade Santa. O que se respira lá dentro é um ar morno de necropole. Entre o resumido numero de academicos vivos ha um carpir commum pelo grande numero de academicos mortos, pelos defuntos "immortaes", sem excluir o convencionalismo dos que lá vão chorar entre dozes de odio aquelle que fôra, talvez, o seu

maior inimigo. E' que as rusgas na Academia perduram eternas, e como os academicos, são tambem immortaes...

Pertencer á douta agremiação, é morrer mais depressa do que se imagina. Assim como ella garante a immortalidade de convenção, abrevia tambem o caminho da cova. Recebido que seja um novo consocio na grey illustre, dois immediatamente são despachados para São João Baptista. O luzido fardão solemne de bordaduras de ouro, incisivo á histeria de certas "melindrosas", fica sendo para todos os effeitos uma especie de mortalha antecipada.

O augusto Areopago, além disso traz uma outra missão fatidica — matar intellectualmente o escriptor. A observação é de Frota Pessôa, creio.

Nessas condições, realisado que seja o sonho do escriptor — ser academico — as lettras de prompto pérdem no litterato que officialmente se consagra, o homem que mentalmente se esterilisa.

Esse pelo menos tem sido, com as excepções naturaes da regra, um dos fins do cenaculo illustre, agora transformado em Créso moderno, com seis mil contos de haveres, pagando cem mil réis por toda chapa de presença que fôr accusada em suas interessantes sessões choromingo-financeiras.

Não logra por isso vantagens espirituaes, o penetrar de alguem no seu recinto, e muito menos julgo deprimencia intellectual possuirmos um só representante lá dentro, isso num paiz onde ha pelo menos tres mil litteratos com livros publicados, para uma restricção de quarenta logares, dependendo quasi sempre a entrada na Academia de uma formidavel e imprescindivel cabala eleitoral.

Não páram ahi comtudo, os aggravos e injustiças ao nosso Estado. Não sei mesmo como explicar as razões

fundamentaes dessa prevenção. Ainda ha pouco tempo, questão de uns tres annos, o Sr. João do Rio, pelas columnas brilhantes d'"O Paiz", nos atirou adjectivos pouco lisonjeiros, concluindo fulminantemente por nos taxar de "parvenús"... Felizmente, com o nosso esforço, com o nosso trabalho, com a nossa intelligencia, com o nosso progresso, com a nossa cultura, com o nosso grão latente de actividade, temos desmentido de um modo formal os conceitos que, ou por prevenção ou por má vontade, contra nós erroneamente se formulam.

Nota-se neste momento por todo o Rio Grande, uma magnifica florescencia de espirito, surtos admiraveis de intelligencias moças que marcarão certamente uma época fulgurante nos annaes do pensamento nacional.

A actual geração intellectual, para me referir sómente á que se tornou conhecida de 1905 para cá, e que se conserva mais ou menos em evidencia, trouxe ás nossas lettras um contingente poderoso em trabalhos de todo o genero. Muitos desses espiritos appareceram com raro talento e não menos rara originalidade; seus nomes já lograram sahir fóra da limitada fronteira da terra natal.

Pondo de lado os já consagrados, cujo numero elevado se distribue pela prosa, poesia, oratoria e jornalismo, os da geração nova honram qualquer centro intellectual do paiz. Todas as manifestações de arte, até mesmo na musica, na pintura, e na esculptura têm tido aqui verdadeiros cultores e se mais não se firmaram o valor de muitos e o esforço de todos é devido a causas especiaes preponderantes em todo o Brasil, como sejam o analphabetismo, a politica e a falta de estimulo. Na relatividade, porém, do ambiente geral, em nada sympathico ás manifestações do sen-

timento esthetico, matando mesmo todas as iniciativas, o Rio Grande tem feito muito, tem avançado muito.

Cresce, dia a dia, o enthusiasmo não só pelas lettras mas por tudo que diz respeito ao polimento do espirito. Demonstra-o o significativo numero de jornaes, revistas e outras publicações espalhadas por todo o Estado. Tomada nos centros de maior vida, verifica-se que uma grande parte da mocidade, abstrahida das frivolidades mundanas, já lê, já estuda, já aprende, já possue a noção exacta das responsabilidades civicas, — preoccupa-se emfim, com os destinos da nacionalidade. Ha nos arroubos de suas inspirações, no devaneio de suas fantasias, na visão dos seus ideaes estheticos, no suave lyrismo dos seus sonhos, um traço indelevel que une o culto da Belleza ao culto da Patria.

Ahi estão na poesia, honrando os sagrados mysterios da lyra de Apollo, os nomes de Alvaro Moreira, Homero Prates, André Carrazzoni, Eduardo Guimarães, Damasceno Ferreira, Jorge Jobim, Mansueto Bernardi, Januario Coelho da Costa, Irineo Trajano, Manoel do Carmo, Genil Trindade, Alceu Wamosy, Sady Garibaldi, Jorge S. Goulart, Raul Bopp, Tito Ozorio Torres, Augusto Carvalho, Alvaro e Sady Lisbôa, Aureliano Pinto, Raul Totta, Gonçalves Vianna, Francisco Ricardo e muito outros.

Alguns desses, fóra do Estado, vivendo em São Paulo e no Rio de Janeiro, já receberam da critica do paiz a justa consagração de seus meritos.

O vasio deixado por Marcello Gama, o artista incomparavel da *Via Sacra,* e por Barboza Netto, o autor bizarro de *Columnas,* foi preenchido por poetas que saberão honrar os nomes dos dois mallogrados artistas tão cedo aniquillados pela morte.

E' tambem grande o numero de prosadores adestrados na chronica, no conto e até mesmo no romance. Destacam-se Cesar de Castro, Garcia Margiocco, Felippe d'Oliveira, José Picorelli, Silva Dias, De Souza Junior, Aldo Motta, Alexandre da Costa, Brenno Arruda, Ramiro Gonçalves, Waldomiro Ferreira, Vieira Pires, Isolino Leal, Ezequiel Ubatuba, João Fontoura, Decio Coimbra, M. Quintana, Octavio Alencastre, Leopoldo Pires Porto, Maciel Moreira, Victor Russomano, Pedro Vergara, etc.

Na critica e no jornalismo ha nomes de um fulgor admiravel como os de João Pinto da Silva, Paulo Labarthe, João Carlos Machado, Ivo Roxo, Leonardo Truda, Gaspar Saldanha, Lindolpho Collor, Arthur Silva, etc.

Mesmo no proprio theatro, genero litterario pouco tentado entre nós, contam-se brilhantes representantes, destacando-se Abadie Faria Rosa já unanimemente consagrado pela platéa do Rio. No mesmo caminho seguem João Belém, João C. de Freitas e Frederico C. de Andrade, autores de varias peças de valor.

Procurei lembrar aqui sómente os espiritos que estão em exercicio continuo da penna, na imprensa e no livro.

Tenho como Eça um grande temor ao nome proprio, Citei varios. E' bem possivel que, sem o querer, omittisse muitos. Os nomes, porém, que aqui apparecem, desmentem os máos conceitos lá de fóra e assignalam para o futuro da nossa terra, um glorioso destino em força, acção e pensamento.

RUINAS DE MISSÕES

RUINAS DE MISSÕES

Por occasião de demorada visita á vasta zona missioneira do Estado, quiz vêr de perto as ruinas quasi tricentenarias do templo de S. Miguel.

Da impressão recebida conservo ainda em memoria alguns traços indeleveis. A obra colossal dos jesuitas é hoje um immenso destroço de pedra, assignalando o local onde se fundou o segundo povo das Missões Orientaes, em 1632. Suas ruinas são todavia o sufficiente para attestar o esplendor a que elle attingiu logo após sua fundação.

Como acontece com os demais povos, a situação topographica de São Miguel, não é má; está mesmo em plano elevado, dominando distancias infindaveis. E' que os jesuitas devassadores das paragens aquem Uruguay, tinham em vista, antes de tudo, a estrategica localisação dos seus dominios. Previsão naturalmente de acontecimentos futuros... Tinha que ser assim. Impunha-se, na selvageria cubiçada da selva, uma alliança immediata entre o Deus christão e o Marte bellicoso — o apostolo e o soldado. O caso é simples. As nossas fronteiras viviam de recúo em recúo. Subsequentes motivos de rusgas, lá vinham embargos de parte a parte violentados a cargas de espingarda. As duas Corôas de além-mar, então em pleno apogeu de

sua força, faziam reflectir até cá as desavenças e malquerenças de sua diplomacia.

Era um fluxo e refluxo permanente de intrigas perigosas.

Tornava-se assim por demais afflictiva a situação do aborigene. Batido de todos os lados, ora pela violencia brutal dos colonos conquistadores, ora pela perseguição tenaz das *bandeiras* paulistas, o misero perseguido se refugiou ainda mais no invio seio protector da floresta. Lá o encontraram os missionarios da Companhia. De lá o trouxeram para a oração e para o trabalho.

Vencido, dest'arte, o primeiro obstaculo, a custo de algum sacrificio, restava pois a realisação do sonho de Ignacio de Loyola: dominar a Corôa pelo culto da Igreja em terras ainda incultas. São por demais sabidos e assim confirmados por muitos documentos historicos os fins a que se destinavam neste afastado recanto do paiz as missões religiosas que pela primeira vez aqui aportaram em 1610. A Companhia de Jesus estava então em pleno orgulho de seu triumpho. Escaldava-lhe a mente, exaltando-lhe a fé, uma aspiração de supremo dominio, o desejo de alargar ainda mais o seu poder pela vasta região americana com a creação do almejado Imperio Guaranytico que, segundo o Visconde de São Leopoldo, nos "Annaes da Provincia de S. Pedro", seria constituido pelos indios "tapes", "charrúas" e "guaranys."

Com esse ideal de conquista e de dominio, trazendo o coração banhado de esperanças e a alma cheia de energia latente, partiram do Paraguay os valerosos arautos da grande cruzada. Dentro de pouco surgiam, os sete povos principaes localisados na vasta zona comprehendida entre os rios Ijuhy-Grande e Piratiny, talvez pela fertilidade do

solo ali, pelas variedades de seus aspectos, e, sobretudo, pela approximação do rio Uruguay, o escoadouro natural das incipientes industrias do indigena. Progrediram admiravelmente todos, sob a absoluta direcção politico-religiosa dos missioneiros, abrangendo uma população contada depois por milhares de almas arrancadas ao nomade ostracismo das selvas.

Mas não é para evocar o esplendor e decadencia dos Povos de Missões, mas para transmittir, apenas, uma impressão esthetica de momento, o fim destas linhas desordenadas de viagem, tomadas num momento de repouso, sobre um immenso blóco de pedra, ao contacto directo dos restos mortaes de uma civilisação extincta que foi sem duvida o prodromo de graves lutas e pelejas successivas.

De São Miguel, localisado entre São Luiz e Santo Anjo (e não Santo Angelo como a sancção official alterou) só restam os escombros de sua admiravel igreja.

Quiz vel-a demoradamente. Aproveitei o momento em que a diligencia se refazia dos incidentes de uma longa estirada de seis horas de percurso batido, por asperos caminhos maltratados. E foi com piedoso respeito, com religioso silencio que penetrei através dos seus exicios onde tudo lembra uma grandeza sepultada no limo absorvente dos annos. Dominou-me, subito, uma forte commoção verdadeira. Por um momento vi cruzar diante dos meus olhos enleiados e attonitos, o esplendor de um passado que foi de sacrificio, de luta, de sangue, de gloria. A fria immobilidade das ruinarias esquecidas na floresta, fallavam á distancia, num periodo de quasi trez seculos passados... Foi por ali que os romeiros da grande jornada iniciaram a evangelisação e colonisação de terras que mais tarde seriam incorporadas ao territorio riograndense. Por sobre

a verdura dos campos ondulados, ou roçando a franja verde das mattas, ou ainda embrenhando-se pelas picadas abertas a suor e a sangue, soprou o vento da obscura epopéa, da decisiva campanha civilisadora. Deslumbrado, comecei a percorrer todos os escaninhos daquella obra maravilhosa. A cada momento novas impressões desageitavam-me o passo, impunham-me parar e meditar. E' preciso ir ao local, vêr com os proprios olhos, pôr a alma ao contacto de tudo, para se ter uma idéa segura daquillo que a descripção mais brilhante não reproduz, não transmitte com fidelidade.

A igreja é de facto grandiosa, construida para comportar mais de cinco mil pessoas. Na frente, em semicirculo, se abre um adro magestoso, onde os fieis, encordoados em filas, sob a severidade de uma intransigente disciplina militar, aguardavam a hora do sacrificio da missa. Todo o revestimento externo obedece a um rigor impeccavel de linhas. Póde-se por ahi imaginar o que foi o trabalho estafante que muitos annos sobrepezou aos anonymos artistas encarregados do levantamento da igreja naquelle ermo confim bravio, onde, certo, tudo faltaria para levar a cabo empreza tão grande.

A pompa de sua fachada, vestida de heras e em parte já destruida, nada fica a dever ás obras de arte mais caracteristicas do estylo greco-romano, pois é flagrante na construcção, em seus traços geraes, a alliança dos dois ramos da architectura antiga, tão oppostos em si, mas ali suavemente unidos. Não ha abuso de arabescos, de rendilhas, de vestimentas improprias. Tudo é sobrio e harmonico, de uma austeridade que condiz com o severo mysticismo dos fins. Nos relevos das esculpturas mostram-se ainda perfeitamente nitidos detalhes de construcção, mi-

nucias de admiravel lavor executadas com apostolica paciencia de artista. Das suas duas torres, grossas e fortes como cubellos de antigas fortalezas de guerra, apenas uma, a da extrema direita, dá nitida idéa da perfeição da obra jesuitica. Da outra, completamente desmantelada pelo incendio consequente de uma faisca electrica que destruiu São Miguel, logo após sua fundação, nada mais resta a que se possa oppôr uma reconstrucção segura. Algumas paredes que se conservam ainda de pé deixam vêr, entretanto, pedaços de columnatas e capiteis, fustes quebrados, entalhes abertos em puro grês. Tudo o mais que não foi aniquilado pelo incendio foi depois destruido por mãos inconscientes e barbaras. Assim que pedras de artisticos lavores, apparelhadas talvez com doloroso esforço, annos a fio, tiveram fim menos nobre, destino menos esthetico: foram aproveitadas para guarnecer mangueiras de gado, alfurjas de porcos, nos sitios visinhos... Lá vão, ainda hoje, carretas arrancar e carregar pedras para o mesmo fim. Muitas vi eu entregues a esse aviltante mister utilitario que rouba assim da arte paginas admiraveis e furta da historia capitulos surprehendentes de verdade.

Mas é no interior do templo onde de sobejo avulta o trabalho culminante dos missionarios jesuitas. Por dentro, a arte já é toda de estylo romano, copiado de sumptuosas basilicas, formando entre o sanctuario e o atrio duas divisões de arcarias lateraes, solidamente construidas de pedras inteiriças, de tal maneira ajustadas umas ás outras, que não soffrem solução de continuidade. Em consequencia á acção do fogo, algumas arcadas fenderam-se emquanto outras foram escalavradas e demolidas por ingenuos heróes de aventuras que ali buscavam thesouros ma-

ravilhosos que se diziam escondidos pelos padres previdentes...

Através das paredes lateraes, de mais de um metro de largura occultam-se enormes galerias que vão dar aos quatro cantos do templo. Segundo a lenda, por certos orificios existentes em determinados pontos, os sacerdotes encarregados da catechese fallavam, mysteriosamente, aos catechumenos, levando-os assim até a graça de Deus por meio do maravilhoso e do sobrenatural...

Volvido que seja o olhar para as frias paredes carcomidas, um outro scenario empolga ainda o visitante. E' a victoria da seiva entoando por sobre as ruinas mortas o hymno da vida. Crescem através das largas fendas das paredes, arvores seculares, timbaúbas e figueiras bravas, cujas raizes, como terriveis tentaculos se alastram, até em baixo, nos intersticios dos alicerces, vencendo, broqueando, dominando e destruindo, pouco a pouco, num supplicio lento, todo o trabalho titanico dos missionarios. E assim, da acção conjunta da natureza e do homem que procura demolir a nave para fortificar seus dominios, nascerá por certo a destruição completa de uma obra prima de architectura religiosa.

Não ponho termo a este breve archivo de impressões profanas, sem lembrar que as ruinas que ainda restam do templo de São Miguel, o mais bello de todos, estão incorporadas ao nosso patrimonio historico. Cabe, portanto, ao poder publico conservar o que ainda resta do florescimento de uma civilisação extincta, completamente aniquilada na época transitoria da conquista. Crime de lesa-cultura e leso-amor será permittir que o homem prosiga na sua condemnavel acção destruidora.

No caminho em que vae, no abandono em que está a velha igreja de um dos mais antigos dos sete povos de Missões, dentro de pouco nada mais restará ali que possa assignalar o esplendor a que attingiu a phase, por assim dizer, inicial, da vida rio-grandense.

TRADIÇÕES POPULARES

TRADIÇÕES POPULARES

Tradições populares — lendas passadas e extinctas, velharias inuteis que pouco a pouco se apagam na alma da nossa gente...

A' maneira que o tempo avança veloz, na sua marcha macabra, na immutavel lei de sua evolução, encadeando seus élos com fragmentos da immensa dôr humana de que Prometheu acorrentado aos rochedos do Caucaso é o mais tragico dos symbolos — á maneira que elle avança e passa, se opéra em nosso cerebro esse continuo phenomeno da dispersão. O que vimos e o que conhecemos, as proprias cousas que amámos, recordações e lembranças, delicados e affectivos sentimentos que a palavra vernacula — saudade — tão bem resume e traduz, têm restringido limite, circulo de evocação demasiado apertado, indo de commum até ás raias do olvido — completo abandono, completo esquecimento...

Reminiscencias? Apenas vagas e indecisas projecções do passado, fórmas nebulosas, ideaes incertos, todo um mundo, emfim, de bellezas antigas, esboroado no tempo, a viver um pouco lá numa que outra piedosa memoria, ou então perdido nas paginas dos *in-folios* que não se leem, dos livros que não se abrem.

As nossas proprias lendas, entre essas o *Negrinho do Pastoreio* e *Fogo morto,* de um cunho genuinamente gaúcho, nos seus minimos traços, raramente agora são lembradas. Talvez mesmo a maioria da geração moça de hoje ignore a sua existencia. E' impressionante vêr como desapparecem tambem os festejos dos tres santos populares que enchiam de folguedo e alegria as noites nevoentas de junho. Já não fallo de outras tradições como as festas de Natal, Anno Bom e Reis Magos completamente esquecidas aqui no sul, mas ainda commemoradas com algum carinho nas aldeias e cidades sertanejas do norte. E' verdade que tudo isso obedece aos rigores de certas leis sociaes, de determinadas fatalidades historicas, na evolução dos povos. O que é facto, é que não nos conformamos com esse crepusculo que rapidamente envolve as cousas passadas. Sylvio Roméro e Mello Moraes Filho, em estudos publicados sobre as festas e tradições populares do Brasil assignalaram a tarja do olvido que as envolve.

Civilisação? E' possivel...

Taes conjecturas me dominam o espirito nesta hora quasi frigida em que o silencio das ruas e o silencio das casas do bairro em que móro chumbam a noite de tristeza profunda.

Tenho ancias de reviver existencias já vividas, fragmentos de épocas já passadas. Mergulho-me, por vezes, na minha meninice ao longe, na terra nativa, embrulhada entre montanhas verdes de esmeralda, terra que é a primeira em purissimos affectos, e com quem, ás vezes, vão ter o coração e a saudade... Bellos tempos! Azas emprestemos ás evocações que nos acódem desenterrando sonhos e illusões que nunca mais palpitarão na aridez tumular da nossa alma nostalgica!

Eramos figuras endemoniadas de gavroches... Em grandes bandos sahiamos, rua afóra, presos á mais intensa alegria, a saltar fogueiras, em noites hybernaes como estas, vendo em cada olhar bondoso o mesmo desdobramento emocional e feliz do nosso eu. Os mais sisudos, os de espirito mais taciturno, perdiam o seu ar contrafeito e austero e eram como que prolongamentos de nós, e, como nós, tambem festejavam as claras figuras daquelles pacificos velhinhos que, habitando um céo luminoso só accessivel aos justos, presidiam, aureolados de estrellas, as grandes noitadas cá de baixo onde a alma popular tinha as mesmas expansões dos *busca-pés* e identicas claridades ás lagrimas polychromas dos pistolões...

Fazem-nos bem, em certos e determinados momentos, certas e determinadas recordações. Como váe longe tudo aquillo que a lembrança reconstróe com tanto amôr e carinho!...

Não havia casa ou rancho, na aldeia, em que não se festejassem aquellas milagrosas entidades, esbatidas em mundos intangiveis, ao sopro do nosso tocante coração infantil. Pobres victimas de nós! Não passavam de simples pretexto aos diabolicos desabafos da nossa idade... Para todas ellas tinhamos um culto tumultuario, uma liberdade entremeada de episodios bizarros: era Santo Antonio, o santo amigo das mulheres, para quem as solteironas transformadas em *titias* appellam em desespero de causa; era S. João Baptista, o mystico habitante do deserto, que a super-histeria erotica de Salomé, num desejo satanico de posse arrebatou da vida; era ainda S. Pedro, o venerando apostolo de barbas longas e brancas, que a bondade serena de Jesus, embóra sabendo-o mentiroso (é S. Marcos quem nol-o diz), elevou-o á dignidade de chefe da Igreja, dando-lhe a guar-

dar as portas paradisiacas daquelle reino encantado, além das nuvens de ouro, promettido, após a morte, aos bons, aos puros, aos humildes...

Pelas salas, pela simplicidade patriarchal das varandas, diante das imagens deformadas pela mais impiedosa das esculpturas, grupos trefegos de meninas e moças, lindos perfis cheios de graça, formosas cartomantes do amor, com alegria nos olhos e a primavera nos labios, andavam a tirar á sorte a quem caberiam como companheiras no futuro mysterioso e incerto... Velhinhas tambem, as nossas mães, as nossas avós, encanecidas na ternura e no affecto, sorriam contemplativas ao descerrar do velario daquellas longas noites em que a geada cobria de branco a verdura crestada dos caminhos.

Bellos tempos!

Nos dias que correm nem horas nos sobram para recordar esses doces episodios, os mais suaves da nossa vida; mas, se por ventura os lembramos, sentimos um grande bem, e as cousas todas que se foram nos dão ainda a grata illusão de uma realidade presente. Sinto mesmo a cantar o verso impeccavel de Alberto de Oliveira:

"Oh! a saudade, poeta, é uma resurreição!"

Mas, ligando-nos ao passado, a saudade nos tráe a propria consciencia do momento. Que somos, em verdade, nas horas amargas, si não sepulcros errantes da felicidade perdida? Já não nos domina mais aquella luminosa alegria que então aflorava aos humbraes dourados da nossa alma. Um mundo complicado de lutas e dissabores nos

desviou através as incertezas da vida. Distantes de nós, lá bem longe, muito distantes, andam agora aquelles dias maravilhosos, sempre nimbados das mesmas illusões, com o mesmo halo radioso desde as auroras hesitantes até a nevoa tenue dos crepusculos... Poucos, porém, os que se recordam desses folguedos populares, dessas serenas figuras de velhos canonisados, emmolduradas no fundo do coração num grande respeito religioso. Os proprios companheiros de outr'ora estão mudados. Uns se fizeram grandes homens, philosophos, scientistas e juristas, outros, medicos, banqueiros e commerciantes, todos perfeitamente definidos na vida. Eu fiquei só, á margem do caminho, amargando no meu orgulho e na minha pobresa o sonho de felicidade que não realizei, olhando, sem inveja, e sem despeito a passagem da caravana triumphal dos predestinados.

Os proprios santos morreram no céo, no mesmo logar onde a nossa alma ingenua os collocava por noites longas e festivas, á luz crepitante das fogueiras, ao som dolente das serenadas enchendo a rua de musicas e canções.

Tudo isso passou. Mas não fomos nós os máos. Foram os annos. Foi essa corrente de perpetuas transmutações que tudo arrasta e domina na vida. Ha dias, quando se me deparou á rua, um doce camarada de infancia, a nossa commovida phrase de encontro foi a mesma:

— Meu Deus, como estamos ficando velhos!...

ALMA HEROICA

ALMA HEROICA

Só mesmo se computando todos os factos da nossa actualidade, deste grande momento, quiçá incerto, do nosso destino, é que se póde avaliar com precisão de como foi, por aqui, a existencia do homem affrontando a temeridade das luctas iniciaes.

Dentro dos amplos dominios em que hoje se define o territorio paira, permanente, o genio de tradições imperecíveis. Não ha recanto por mais insulado e tranquilo que não recórde um grito de heroismo, que não lembre o tumulo de um bravo e que não invoque de prompto, como uma apparição instantanea, a furia infernal de uma torrente de sangue. Desde a primeira devassa curiosa das ousadas *bandeiras* paulistas, até a ultima invasão dos hespanhóes pelo Prata, a verde campina immensa foi um largo scenario immutavel de entrechóques sangrentos e pelejas decisivas. Nessa permanente convivencia com o perigo o homem se familiarisou com todos os grandes lances da vida comprehendendo que esta só valia e só demonstrava a sua razão de ser quando em defeza do territorio talado constantemente pelas grandes massas inimigas.

Affeitos ao férro e ao fogo surgiram assim os arautos da nossa integridade politica. O que houve não se sabe, nos segredos da creação para que fosse depois toma-

do de nós, o molde da mais perfeita bravura humana. Ha em verdade, em todos os capitulos dessa nova historia cavalheiresca um nimbo bizarro de lenda... Entretanto, ella que assim nasceu enflorada de tanta belleza heroica é por que teve para engrossar as raizes dos seus entrechos e fortalecer os seus rebentos verdes, o fertilissimo terreno da realidade. Esmiuçada a causa, o phenomeno definirá o effeito. Para restabelecer a bravura da raça, a velha estirpe açoriana deu á galharda descendencia *continentista,* todo o vigor que ainda lhe restava da idade de ouro de Portugal nos mares. Completada que foi a figura spartana do heróe, avançámos em improvisos magnificos de attitudes bellicas, levando de roldão, como no impulso violento das enxurradas o fantastico accumulo dos obstaculos. Se nem sempre vencemos, sempre resistimos. Assim o demonstra o nosso denodo inicial. A formidavel tenacidade de Pinto Bandeira, ao lado de 170 companheiros destemidos ergue, em Tabatingahy "o primeiro padrão de glorias riograndenses", augmentado depois com a quéda memoravel do forte de Santa Técla. Então, de lá para cá as pugnas successivas em que estivemos envolvidos definiram o nosso valôr, exalçaram a nossa bravura, traçaram finalmente a róta que se nos impunha seguir. O commum do nosso gesto foi sempre, porém, uma desassombrada postura de defeza. Na guerra cabia-nos a perigosa primasia das cargas; na paz sobrava-nos tempo, apenas, para nos preparar para a guerra. E assim, sempre. "Na estacada desde os primeiros passos — affirma um historiador notavel — o Rio Grande do Sul, em setenta e seis annos, tivéra que sustentar onze campanhas, vivendo nas fronteiras, em guarda, com as armas na mão, quasi todo o tempo em que não se batia."

Que magnificos exemplos de brava altivez invencivel! Por toda parte, em todas as direcções redobravam-se vigilancias e cuidados. A linha divisoria do territorio, após a fundação da Colonia do Sacramento — pomo de futuras discordias internacionaes — não teve jámais fixação duradoura. Por ser o extremo da fronteira portugueza, assignalando o extremo da fronteira hespanhola, era exactamente aqui que a ruptura dos accordos, entre estes, o de S. Ildefonso, se effectivava em verdadeiros encontros campaes.

Do embate dessas contendas formidaveis surgira na centaurica figura pampeana do gaúcho o bravo destemido dos entreveiros, aquelle que fez recuar, depois, para os confins da outra banda, a furia das hostes inimigas que já cantara victoria nas intransponiveis barrancas do Rio Pardo.

Depois, com o decorrer dos annos, o heróe augmentou seus louros, integralisou sua gloria e destendeu sua fama, na maior epopéa da bravura sul-americana — a guerra civil de 35. O quadro é empolgante. E' um feito homerico reproduzido dois mil e tantos annos mais tarde sob as rajadas impetuosas dos ventos do sul. Como campo de acção, pedaços memoraveis do sólo: *Fanfa, Rio Pardo, Ponche-Verde.* E culminando a magestade de todos os feitos, a ardente proclamação do Seival ratificada depois no assentamento da Republica de Piratiny... Por todos os pontos, em todas as direcções, em busca do proprio perigo, cavalleiros ousados se degladiam com o impeto extremo das phalanges gregas. São contados por milhares os guápos continentistas gaúchos. De um lado, Bento Gonçalves, Souza Netto, Onofre Pires, Canabarro e João Antonio da Silveira. Do outro, toda a força constituida

da Provincia, apoiada pela soberania vacilante da Metropole. Neutro, bandeando-se daqui para ali, ao sabor das conveniencias do momento, Bento Manoel, o bravo... Para remate do quadro empolgante, symbolisando o supremo ideal de liberdade, Garibaldi, o *condottiere,* sem emulo, dos dois mundos, assume o commando em chefe da marinha de guerra, riograndense, constituida esta de miseros lanchões que á mingua de outro valor possuiam para espantalho do inimigo encarniçado as qualidades organicas dos amphibios... Que de nobre galhardia em tudo isso! E' a mesma alma insubmissa de Borges do Canto e Santos Pedroso, de novo vivendo as grandes horas do triumpho, com a completa reintegração de Missões no territorio nacional.

Feitos de valor identico, façanhas de igual quilate se assignalam ainda no tempo, em todos os periclitantes momentos da nossa existencia em formação. Até bem pouco não haviamos desmentido um só episodio dos avoengos que cahiram vencidos, com honra, no verde tumulo anonymo das coxilhas. Perpetuámos, até ás raias da temeridade, ali por volta do primeiro lustro da Republica, o mesmo valor, a mesma altivez, o mesmo anceio de liberdade, o mesmo desejo ardente de justiça.

Depois...

Invoquemos agóra, neste triste momento de subserviencia passiva, neste doloroso momento de commodismo moral, a acção dos grandes heróes que nos libertaram.

ASPECTOS DA

NOSSA POESIA POPULAR

ASPECTOS DA NOSSA POESIA POPULAR(*)

A poesia popular do Rio Grande é um symbolo empolgante do amor e da bravura.

Si ella não tem as vibrações das eglogas e pastoraes virgilianas ou a resonancia das bellas estrophes de Mistral, interpretando á chamma de seu éstro a alma sentimental da Provence, vibra, entretanto, pela espontaneidade de seus accordes, pela delicadeza simples e tocante de suas notas espalhadas na luminosa verdura das coxilhas gaúchas onde o genio guerreiro de ancestraes de rude estirpe se alliou ao sopro lyrico do amôr, dando ao homem, conjuntamente com essa altiva impetuosidade de alma, este contraste delicado: ternura sensibilissima de coração.

Só ella basta para reflectir directamente, o que fômos e o que somos: — povo de heróes, de ousados e temerarios, romanceando a pata de cavallo á esthesia revél da alma do Lacio numa outra banda do hemispherio; alma affeita aos grandes sonhos, ás grandes luctas, exaltada pelo mais nervoso dos temperamentos, evocando na mesma toada singela um pedaço de berço, uma restea de sol ou um episodio tragico das guerrilhas passadas...

(*) Conferencia realizada em 24 localidades do Estado.

Mas, para melhor fallar de toda essa vida de arremettidas heroicas e aventuras galantes, ahi temos o nosso "folk-lore". Examinae-o e vereis até onde vão os nossos sonhos, os nossos ideaes, as nossas conquistas, o nosso temperamento tumultuoso, todo um mundo de commoções varias, de varias tendencias que a imaginação projecta, amplia, modifica, para novamente crear numa ancia emotiva que é sem duvida a melhor parcella do nosso sangue, do nosso sentimento latino.

Modificadas agora diversas expressões da nossa alma, por factores naturaes na evolução dos povos, ellas se perpetuam, integralmente, na tradição oral, andam á tona de todas as memorias como eternisados fragmentos do passada que o olvido respeita e venera para que não os sepulte jámais.

Por isso as nossas canções ainda vivem com o mesmo vigor de uma crença que dia a dia mais se reaffirma, creando fundas raizes na alma popular.

Ha de facto, na poesia anonyma do pampa o influxo de uma primavera perpetua; é sempre nova pela expressão e vivacidade dos seus symbolos, dos seus entrechos, dos seus "motivos". Sob os seus tres aspectos principaes está caracterisada a formação ethnica do territorio — meio, costumes e raças que definem o Rio Grande de hoje.

Ao par da valiosa contribuição feita ao cancioneiro por José Mendanha, Taveira Junior, Lobo da Costa, Apollinario Porto Alegre, Mucio Teixeira, Assis Brasil, Serafim de Alencastre, Damasceno Vieira, Cezimbra Jacques e outros, avulta sem duvida, a grande alma desconhecida dos trovadores anonymos, velhos rapsodos que crearam

essa lyra singéla por onde escórre, numa exaltação de harmonia, o sangue de uma raça cavalheiresca.

E' certo que o Cancioneiro e o falar do sul têm recebido directa influencia da bella lingua castelhana da fronteira Oriental e das provincias limitrophes da Argentina. Innumeros vocabulos incorporaram-se á nossa lingua, implantando-se, definitivamente, nas usanças e expressões da campanha. Tal facto não restringiu a nossa linguagem, nem supplantou a termologia local. Antes, abriu novos horizontes ao vocabulario gaúchesco, ampliando um diccionario que não tarde será o mais copioso repositorio do nosso chamado "brasileirismo".

Na poesia anonyma deu-se tambem uma invasão. Não pertence ao Rio Grande um bom numero de "quadras" que se ouvem nos cantares do povo. Do "Cancioneiro Açoriano" umas, dos sertões do Norte outras, todas se enfileiraram, hoje, á musa gaúcha. Embora afastadas do estylo caracteristico local, dahi jámais sahirão. Um mesmo fundo de dôr, esboçando uma mesma tristeza nostalgica as integrou aos carmes da solidão e da planura.

Sob tres aspectos encaramos a poesia popular do Rio Grande: o lado lyrico, o lado humoristico e o lado patriotico. Pretendemos sobre esses tres pontos vasar impressões vagas e resumidas, pois claro está que assumpto tão vasto, de actualidade tão palpitante, daria margem a um completo estudo da nossa alliança ethnica e do conjunto de factores que entraram na nossa formação definitiva.

E' de notar que em um Estado como o nosso, sem raizes aprofundadas no seu aggregamento social, diariamente investido por costumes e habitos extranhos, o gaúcho não perdeu a sua primitiva apparencia, o aprumo galhardo de sua figura, os arroubos de uma trivialidade romantica a

invadir a cada passo a sua alma e a envolver em doces utopias o dorso do "pingo", e o coração da "tyranna" que o domina. E' formidavel e rude o contraste, mas para elle dois entes existem que jámais os separa na vida: a mulher e o cavallo... Assim elle proprio o affirma na sua satisfeita velhice, a recordar o passado:

"Estou velho, tive bom gosto;
Morro quando Deus quizer;
Duas penas levo commigo
— Cavallo bom e mulher!"

Entre nós, (e isso não admira em paizes latinos) o homem é um sentimental. O melhor de suas energias é pelo amôr e para o amôr, pelo ephemero e ao mesmo tempo eterno enlevo feminino. Nesse ponto a rapsodia gaúcha é inexgottavel. Em cada descante á viola ou nos floreios das acordeonas surgem centenas de improvisos que mostram no rythmo de seus versos, na doçura dos seus *motivos*, o valôr e a altivez do homem misturados aos travos do amôr. Não se limitam á simples declamação da *Tyranna, Vingança, Chimarrita, Quero-mana, Ranchinho de palha*, e tantas outras producções popularissimas na campanha. Os debates tomam outra fórma, outra maneira, um cunho original e bizarro. Vão do desafio ao repentismo, da "quadra" immediata á immediata resposta; e encanta devéras vêr as proporções a que a luta assoma no *péga* dos trovadores, apanhando cada um o ultimo verso da estrophe inimiga para em seguida formar a quadra em represalia.

Excuso-me de ampliar essa pagina de orgulho dos trovadores riograndenses. A fina observação de Alcides

Maya fêl-a certamente vóssa conhecida em *Velho guasca*, admiravel conto regional de seu livro *Tapéra*.

Fóra desse mólde, temos ainda outras producções interessantes. Na bella collectanea organisada por Simões Lopes Netto, da qual varias vezes me servi, figuram formosas lapidarias apanhadas ao nosso cancioneiro e que tão bem fallam á alma e ao coração da nossa gente.

Lembrarei aqui algumas, como preito de viva admiração aos seus autores obscuros que hoje dormem, serenamente, na immensa paz do olvido, sem tumulos, sem epitaphios, sem legendas...

Ouçamos a voz mysteriosa do anonymo trovador:

Coração como este meu
Tão leal não ha nenhum;
Por estes pagos a fóra
D'um cento se tira um!

Lá váe o sol entrando
Banhado numa sangueira,
Meu coração quando parte
Fica da mesma maneira.

O cantar de madrugada
E' um cantar excellente,
Acorda quem está dormindo
E alegra quem está doente.

Esta, é uma divisa preventiva de "guasca" experimentado nas lides do amôr:

Quem quizer ser bem querido
Não se mostre afeiçoado:
Que um affecto conhecido
Periga ser desprezado.

Seguem-se outras no mesmo tom:

Vou-me embora p'ra cidade,
Que a campanha me aborrece...
Pois lá na cidade tenho
Quem por mim penas padece.

Si a saudade me apertar
Eu bem sei que hei de fazer.
Hei de me por a caminho
Succeda o que succeder.

Dizem que o matte afoga
As magoas do coração;
Matte sobre matte tomo...
As magoas boiando vão!

Cada vez que eu considero
Que de ti me hei apartar,
Foge-me o sangue das veias
E o coração do lugar.

Não botes lencinho branco
Para o lado onde ando
Dá-lhe o vento... abana o lenço...
Penso que me estás chamando.

Triste vida a do tropeiro
Que não póde namorar;
De dia, reponta o gado,
De noite, passa a rondar.

Ainda muitas outras andam de bocca em bocca, mostrando uma brilhante veia poetica, podendo rivalizar com o que ha de mais bello no *Fado* luzitano ou nos inspirados cantares do norte.

Profundamente suggestiva é a figura do gaúcho improvisador. Em dado momento, como por encanto, aquelle

perfil anomalo como que recebe um halo de lenda. De dentro da sua armadura ás vezes rude, debruada entre os vapores das neblinas, mettida em largas bombachas de riscado, de "tirador" á frente, rodando ao som das "chilenas" de ferro, de lenço colorado ruflando ao sabor inclemente dos minuanos, salta, prompto, o poeta espontaneo, em gestos bizarros de Cid do Pampa, confessando:

"Quando me ausento dos pagos,
— Isto por curto intervallo —
Reconhecem minha volta
Pelo tranco do cavallo".

Esta outra trova aviva-lhe ainda mais o orgulho e a bondade:

Sou valente como as armas,
Sou guapo como um leão!
Indio velho sem governo,
Minha lei é o coração!

Realmente. E' do coração e para o coração que elle falla e canta. No fundo dessas altaneirias petulantes, dessas facecias atrevidas, se retrata o romanceiro melancolico, embalado no lombo do cavallo, suavisando com os lances dramaticos de sua alma de rude menestrél, as crueis asperezas do Destino.

Improvisador á altura boccagiana, o momento lhe é sempre propicio. Do remoque ao madrigal a espontaneidade não vacilla. Golpeia e fulmina em respostas inspiradas e medidas. Depois... a mulher... o olhar frio e timido da morena ausente! A saudade! Exalta-se então por um simples aceno da existencia passada. Um episodio revolucionario, um "causo", uma breve historieta contada

no galpão, á beira do fogo; um "tiro" de laço ou de boleadeiras, nas estancias, no afan dos rodeios e marcações; lembranças de um adeus, de um sorriso, de um leve gracejo da tyranna airosa — simples recordação emfim, do rancho ermo, na querencia longinqua, embrulhada na immensidade do escampo altivo, a perder-se de vista ao longe, na immensidade do plaino, em ondas de gramado verde...

Assim, a poesia do Rio Grande está cheia de uma vaga tristeza; é um reflexo da alma tumultuaria de seus creadores. Que são estes, afinal, senão lyricos invocadores da solidão vasia das estradas onde as tapéras "mortas e de pé", recordam epopéas do coração, velhas aventuras ao luar á garupa generosa dos pingos?...

Como os bellos mythos do periodo romantico, o haverem sido, simultaneamente, heróes e bardos, os desditou tambem de prompto para o amor.

A imagem da figura amada não desapparece um só instante da alma scismadora; embora procure esquecel-a é obrigado a evocal-a levado nas azas da saudade:

Jurei não amar e amo
Confesso a minha fraqueza,
Essa culpa não é minha,
E' crime da Natureza.

Agora me estou lembrando
Dos pagos do meu rincão;
Amores que foram meus
Agora de quem serão?

Assim os descantes mais communs, as mais populares trovas, surgem a cada passo, photographando estados d'alma, reflectindo alegrias e desditas. Lembro-me de ter ouvido estas, num galpão, á noite, cantadas por um velho

tropeiro, emquanto o matte amargo corria de mão em mão, entre outros da róda:

Compridas legoas andei
Para chegar a te vêr:
Chego e tu não me olhas,
Escutas, sem responder!

Ando no mundo sem sorte,
Sem contrapezo ou medida,
Ando suspenso nos ares,
Nem morro, nem tenho vida.

Subito, com mal desenhado sorriso nos labios, o velho gaúcho levantou-se, dando remate ao seu lyrismo com mais esta "quadra" conhecida:

Vou me embóra, tenho préssa,
Tenho muito que fazer:
Tenho que parar rodeio
No peito do bem-querer!...

Muitas das cantigas da campanha surgiram com as velhas dansas de que ainda hoje temos um suggestivo reflexo nos *pericons, fandangos* e *sapateados* perpetuados com ingenuo carinho n'alguns pontos da nossa fronteira com a Argentina. A "Tyranna", por exemplo, ahi anda de labio em labio desabotoando em variantes encantadoras. Conheceis, certamente, a sua primitiva fórma açoriana que resa assim:

Eu amei uma tyranna
E ella não me quiz bem!
Agora vou desprezal-a,
Vou ser tyranno tambem!

Todos gostam da tyranna
Mas é só para dansar;
Porque duma tyrannia
Ninguem deve de gostar!

Tyranna, feliz tyranna,
Tyranna da tyrannia,
Já não morre por amores
Quem por amores morria.

Tyranna, feliz tyranna,
Tyranna que bom fandango!
De tudo vou me esquecendo,
Só de ti vou me lembrando.

Tyranna, feliz tyranna,
Tyranna vamos embóra,
Juntinhos, de braço dado
Antes de romper a aurora...

Tyranna, bella tyranna,
Tyranna do arvoredo;
Si teu páe te degredar
Commigo seja o degredo!

E ségue sempre assim, na mesma toada embaladora, a poesia que gyra em torno dessa linda tyranna que aos nossos olhos se apresenta ora esquiva, ora doce, ora alegre, ora triste, que humilha e doma a altivez do gaúcho, fazendo desse ousado despota do amôr, o escravo submisso do seu coração voluvel.

Pelo lado humoristico resaltam do nosso cancioneiro quadrinhas interessantes. Entre uma infinidade d'ellas já incorporadas ao patrimonio popular apanho algumas, ao acaso, para junto revivermos aqui a graça esfusiante desses trovadores obscuros.

O beijo, por exemplo, é o móte de mais voga:

Menina, minha menina,
Minha flôr de melancia;
Um beijo de tua bocca
Me sustenta todo o dia...

No palanque do teu desprezo
Quizéra ser amarrado,
E ser a todo momento
De beijos, rebenqueado...

Sobre a mulher feia:

O biguá dentro d'agua
Passa o dia e não se molha;
Eu fico mesmo que pedra
Si mulher feia me olha...

Caprichos de um coração faceto de gaúcha:

Casei-me com um anão
Para me fartar de rir:
Pois faço a cama bem alta
E elle não póde subir!...

Expansão de um desilludido:

Esse tempo em que te amei,
Antes vivesse nos mattos,
Deitado entre folhas sêccas,
Coberto de carrapatos...

Como cantor, o nosso "guasca" presume-se privilegiado pelos deuses, e por isso affirma arrogantemente:

Quando eu era pequenino
Cantava que retinia:
Cantava em São Sepé
Em Caçapava se ouvia!

E como o sertanejo do Norte:

Você me mandou cantá
Pensando que eu não sabia;
Pois eu sou como a cigarra
Que cantando passa o dia...

Recordando-se de uma declaração de amôr:

Com saudade inda me lembro
De um dia em que lá cantei,
E de amores abombado,
Este verso lhe botei:

— E's branca como jasmim
Colorada como a rosa;
Por teu amor eu daria
Uma terneira barrosa! —

A morena não se deu por achada. A resposta foi prompta:

— Não sou jasmim nem sou roza,
Eu sou no mais um botão;
Guarda lá tua terneira
Só quero teu coração! —

Uma ultra fanfarronice, gestos largos de hespanholadas explicadas, talvez, por esta approximação ao convivio do Prata, dominam a alma sentimental dos nossos rapsodos. Estes versos são no caso, muito expressivos:

Eu sou um quebra largado,
Por Deus e um patacão!
E se duvidam perguntem
A' moçada do rincão!

Um outro tambem canta pelo mesmo teôr:

Tenho um cavallo baio,
Quando sáio vou branqueando
Si quebro o chapéo do lado,
As moças ficam chorando!

Podiam ser citadas ainda muitas outras no mesmo estylo, nesse mesmo tom atrevido. Mas, de quando em quando, de permeio de tantas gabolices, uma quadra sem pé nem cabeça, propositalmente aleijada, explóde, reboante:

Atirei um limão verde
Por uma coxilha abaixo;
Quanto mais elle corria,
E eu, de atraz!...

Pleno de arremettidas assim está o nosso cancioneiro. A inculta intelligencia do gaúcho campeador se desdobra, surprehendente, sobre todas as cousas do seu meio, principalmente na glorificação da mulher, tendo por ella um culto só semelhante ao da época das cruzadas, quando os cavalleiros partiam á conquista de longes terras, levando na ponta da lança a imagem symbolica da patria ligada á da bem querida.

Podia ainda vos lembrar outras producções onde o mesmo espirito se desdobra com a mesma graça e o mesmo sentimento. Não o faço; seria uma série interminavel de demonstrações da alma sonhadora desse galhardo habitante do pampa. Fóra, porém, desse estado d'alma que é quasi a razão de ser da sua vida, elle toma o aspecto anomalo de um extranho Centauro, encurtando a pata de cavallo as distancias que o separam de um pago a outro. O

seu todo resumbra a bondade caracteristica do homem. Não tem mesmo o aspecto timido, vacillante, desconfiado, de certos e determinados ambientes. E' o homem das attitudes definidas, possuindo o mais bello dos gestos — o gesto da franqueza sem rebuços.

Após a luta rude do campo, nas horas de descanço, nos momentos de séca, á noite, no galpão, á beira do fogo, é que elle toma posse integral de sua lyra anonyma, em que a poesia espontanea surge como um ideal de belleza intangivel, victoriosa e forte como um hymno de gloria, de amôr, de bondade, ao proprio artista nomade que a creou.

Tambem correm de bocca em bocca composições anonymas de um fundo sabor patriotico, de uma accentuada tendencia para o épico e para o maravilhoso. Algumas são lapidarias de incomparavel belleza; outras satyras terriveis, eivadas de mordacidade; todas, finalmente, lindas representações do nosso regionalismo, pequenas legendas de coisas d'antanho, onde a verdade não soffre o crepusculo do tempo.

Por vezes, essa poesia é tumultuaria, é agitada e febril; é um grito de protesto, é um renovamento civico da seiva exhaurida. Não houve mesmo facto na existencia da gleba nascente que ella não perpetuasse logo no rythmo revolto de seus versos. Justificam-se nos mais breves episodios historicos essas tendencias da musa gaúcha. Para melhor comprehendel-a, o conhecimento dirceto s eimpõe, dos agentes primordiaes que nella giram, alargando sua expansão, distendendo os seus dominios no "folk-lore" nacional.

Durante mais de um seculo vivemos sob o alvoroço de conquistas temerarias, em continuas transformações sociaes, buscando nos entreveiros e nas perigosas aventuras que de quando em quando se deparavam ao impulsivo temperamento de caudilhos improvisados, a emancipação de ideaes ainda indecisos. Estavamos, então, em plena solidão pampeana, em contacto directo com o espaço sem empeços. Fóra dessa largueza de meio o viver era um estorvo, uma especie de reclusão fastidiosa. Impunha-se-nos, a cada passo, uma attitude decisiva de protesto e de revolta. Chegámos mesmo a cahir no despotismo da propria liberdade. Só a entendiamos de accôrdo com o vasto scenario em que nos agitavamos, ampla como a propria campanha immensa a desdobrar-se aos nossos olhos, horizonte em fóra.

Crenças e idéas equiparavam-se assim, á grandeza rude do scenario.

Na falta dessas influencias decisivas, mórmente constrangidas pela voz conservadora da Metropole, era clara a nossa rebeldia: surgia célere, prompto ao desafogo, o lidador pampeano, com "as suas cinco armas formidaveis" — na phrase esculptural de Euclydes — "a lança e as quatro patas de cavallo."

Altivo e orgulhoso, plenamente convencido da nobreza do ideal pelo qual se batia, elle não retrocedia jámais. Na luta ia até o fim, trazendo, de retorno, a victoria ou a derrota, mas quasi sempre a victoria.

Pelos ranchos beirando estradas, na paz das velhas estancias tumulares, havia então um clarão de esperanças e bençãos. O "guasca" rude da labuta das tropas, jornadeando de sol a sol, em cima do cavallo e de poncho á garupa, era um libertador, uma especie de Centauro so-

branceiros das refregas, o mesmo homem que cantava orgulhoso:

"Amarrei o sol e a lua
Com a fita da Liberdade
Aquartellando as estrellas
Só respeito a Divindade!

Dos dias felizes e dos dias amargos, annos depois, veiu a lembrança. Entretanto elle não se contentou com a simples materialidade dos episodios, com a recordação que o tempo lhe avivava na memoria. Deu aos factos um halo sagrado, um idealismo de pura belleza, glorificando-os na expansão do seu genio melodramatico, transmittindo-nos por uma poesia quasi épica um periodo da aventurosa existencia passada. Não houve acto ou assomo do homem forte e ousado que não ficasse preso ao estro singelo da poesia popular. A batalha de Ituzaingo, o glorioso decennio revolucionario de 35, com a sua legião de bravos a começar em Bento Gonçalves até Bento Manoel Ribeiro, todos os grandes vultos que se agitaram num ambiente enflorado de lenda foram enfeixados nos cantares do sul, com as qualidades e as falhas que lhes eram inherentes, com o conjunto de pendores emfim, com que se agitaram nas coxilhas, e, subito, penetraram na historia.

Ainda outros cyclos agitados tivemos que deram margem a novas creações, a outros revôos da poetica humilde. Vieram, depois, a Campanha de Rosas, a guerra com o Paraguay, a libertação dos captivos, a quéda do Imperio, a sangrenta revolução fratricida de 93, trazendo vastos cabedaes á poesia errante, creando uma litteratura nova e vigorosa, capaz de erguer no presente e perpetuar no futuro um verdadeiro culto aos nossos antepassados.

Para o gaúcho, acima de tudo está a Liberdade, no amplo, magnifico e humano sentido da palavra. E' um velho culto que tóca ás raias de um verdadeiro feiticismo, como se póde verificar nas seguintes estrophes cantadas ao som do Hymno dos Farrapos:

Nos angulos do Continente,
O pavilhão tricolôr
Se divisa sustentado
Por liberdade e valôr.

Quando a voz da Patria chama
Devemos obedecer;
Na frente cantando o hymno:
— Ou liberdade ou morrer!

Unidos, amantes briosos
Da feliz fraternidade,
Tambem seremos na vida
Amantes da liberdade.

Tão popular, outr'ora foi tambem o Hymno da Republica Riograndense, composto por José Mendanha e cantado pela primeira vez em 30 de abril de 1839.

Não me furto ao prazer de lembral-o aqui em respeito e homenagem á grande epopéa de Piratiny:

Nobre povo Rio-Grandense,
Povo de Heroes. Povo Bravo,
Conquistaste a Independencia!
Nunca mais serás escravo!

Avante oh! Povo Briozo!
Nunca mais retrogradar,
Porque atraz fica o Inferno
Que vos hade sepultar!

O Magestozo Progresso
Hé Preceito Divinal,
Não tem melhor garantia
Nossa ordem social.

O Mundo, que nos contempla,
Que péza nossas acções,
Bendirá nossos esforços,
Cantará nossos Brazões!

Côro

Da gostoza Liberdade
Brilha entre nós o clarão:
Da constancia e da coragem
Eis aqui o galardão!

Em torno dos dois vultos proeminentes da campanha *farroupilha* — Netto e Bento Gonçalves — vibra na bocca dos trovadores "criolos", um verdadeiro hymno á grandeza épica desses arautos da nossa emancipação politica. Uma "quadra" apenas, a mais popular de todas, bastará para dar idéia dos dois herois:

Bento Gonçalves, o primeiro,
General Netto, o segundo
Não se lhes dá de atacar
Em qualquer parte do mundo.

Bastam, de sobejo, esses versos para nos impôr um justificado orgulho á nossa vida historica. O que dentro de nós se agita é a centelha de uma alma caldeada ao fogo violento das escaramuças. Possuimos nuances bem accentuadas de um povo forte de guerreiros, prompto á luta, ao supremo sacrificio nos campos de batalha, á mercê

da nossa propria coragem, o maior attributo militar que possuimos.

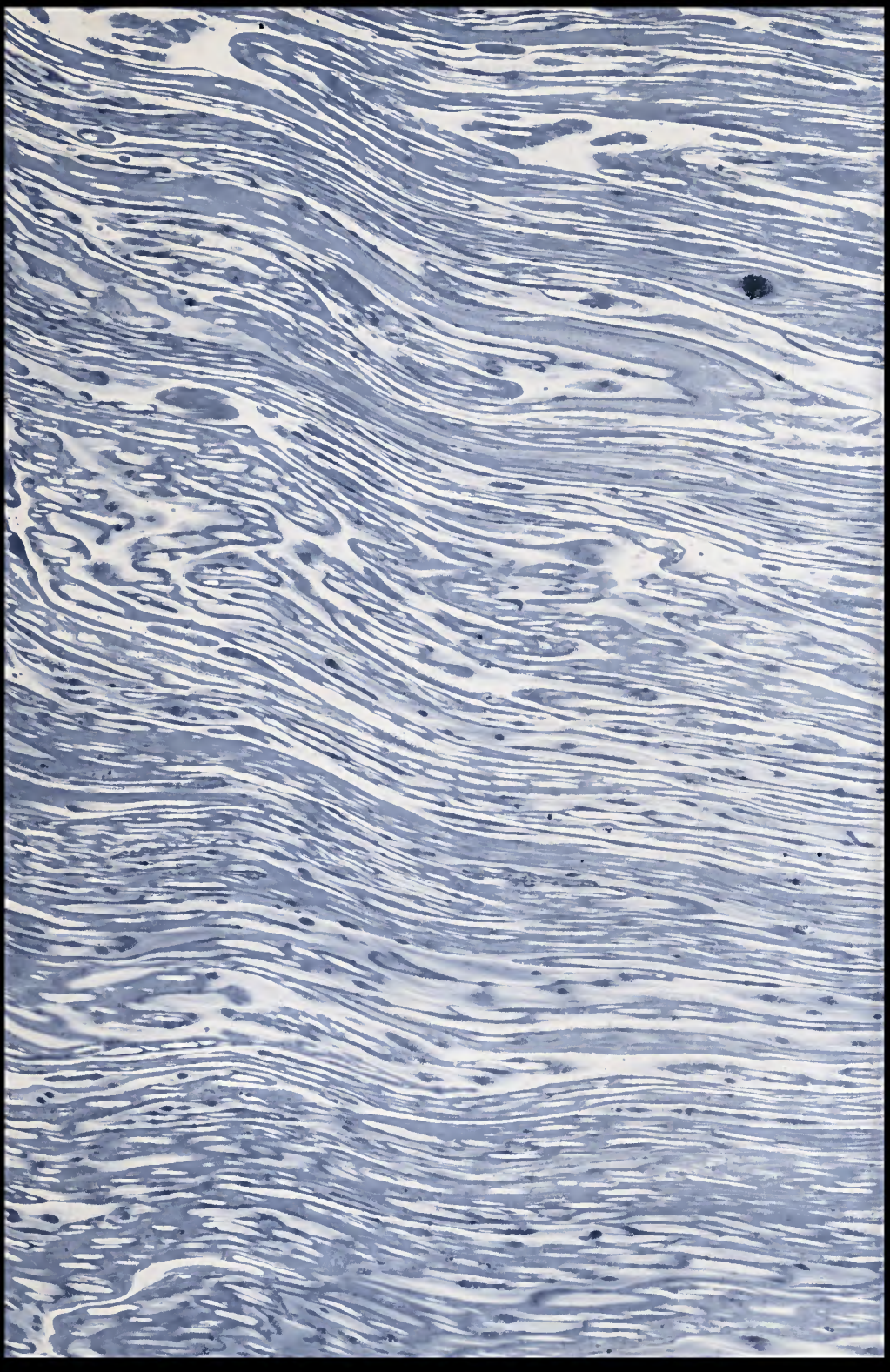
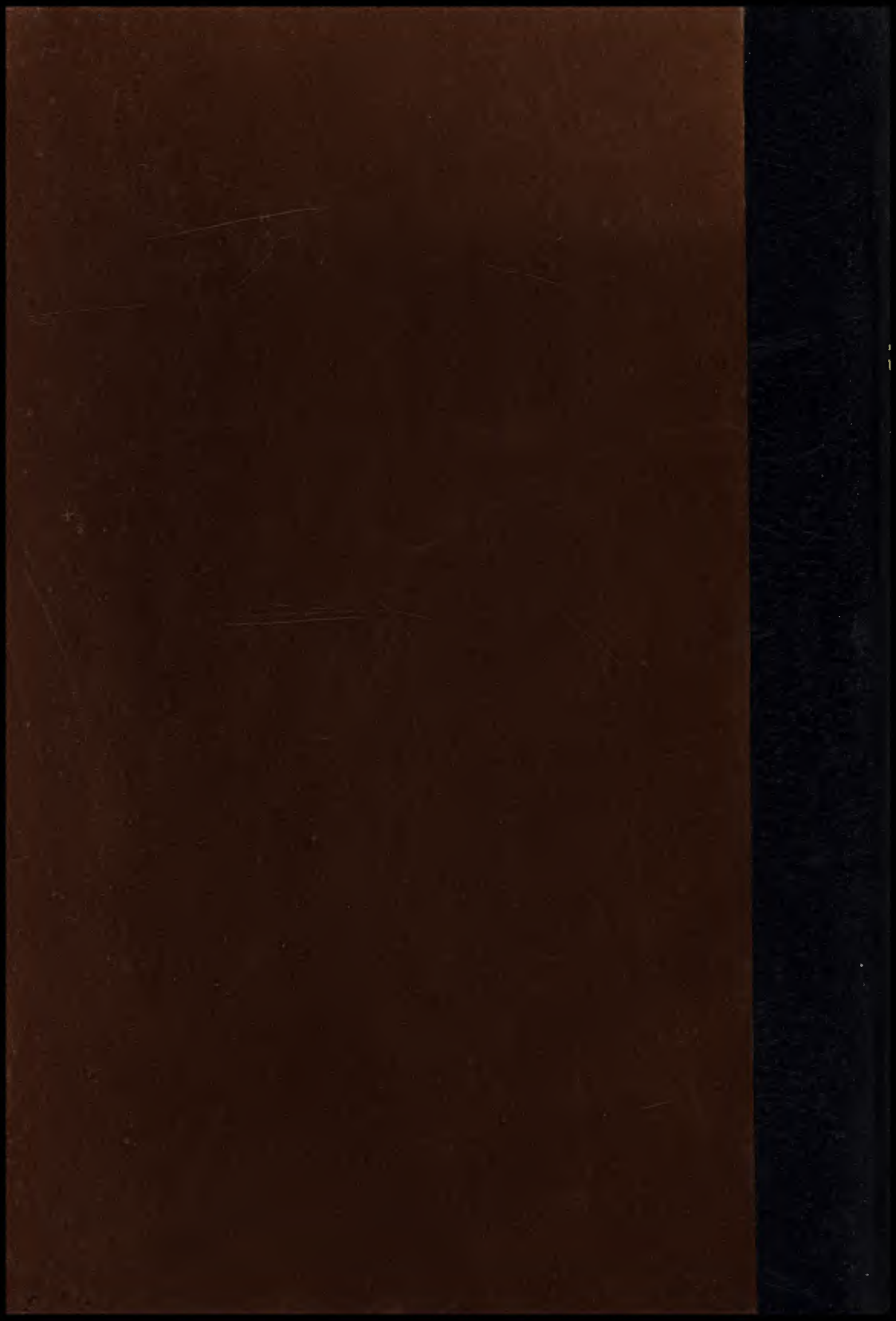
E' sabido que, se um dia a Patria fosse obrigada a fazer um appello aos seus, em desaffronta de sua dignignidade ferida, seria para o Rio Grande o seu primeiro olhar, porque, além de sua situação geographica, definida entre fronteiras, os seus filhos valerosos e leaes, experimentados em tantas refrégas, jámais desmentiriam a noção exacta que todos temos, da honra e do dever.

Eis, em summa, os principaes traços da nossa musa. Delineal-os com mais amplitude, não quadrariam bem nos moldes de uma simples palestra, cujo mérito unico está na sinceridade do thema, no grande amôr que consagro a tudo que diz respeito á vida da terra natal.

Sobre multiplos aspectos póde ser estudada, esmiuçada, commentada, a musa anonyma. O certo é, e disso mais me convenço, que a poesia do Rio Grande sendo um symbolo do amôr e da bravura, é tambem toda a historia de um povo. Os pesquizadores attentos poderão encontrar nos repositorios da alma popular, nas lendas, nos costumes, nas tradições que ainda vivem eloquentes e cheias de viço, os caracteres indeleveis de uma geração de idealistas e lutadores qual foi a dos nossos antepassados que em singélas "quadras" poeticas, sem desenvoltura e sem polimento, lançam as bases de uma grande patria, forte e generosa — pelo amôr e pelo civismo.

INDICE

Indio versus caboclo	11
Caudilhismo	19
Litteratura regional	25
Araújo Porto Alegre	37
Dois artistas	47
Ouro ignorado	59
Elemento colonisador	65
A nova geração intellectual	73
Ruinas de Missões	83
Tradições populares	93
Alma heroica	101
Aspectos da nossa poesia popular	107

Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

Mod. 105 - 63 - B